



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC
TURMA DANDARA

**Estigmatização Linguística no Colégio Estadual Elias Jorge Cheim em
Cavalcante- GO.**

Edinamar Gonçalves de Brito

Planaltina – DF

2013

Edinamar Gonçalves de Brito

**Estigmatização Linguística no Colégio Estadual Elias Jorge Cheim em
Cavalcante- GO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Rosineide Magalhães de Sousa

Planaltina – DF

2013

**Estigmatização Linguística no Colégio Estadual Elias Jorge Cheim em
Cavalcante- GO.**

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (Orientadora)

Prof. Dr. Dijby Mané- Examinador

Profa. MsC. Roberta Rocha Ribeiro (LIP/UnB) - Examinadora

Planaltina_ DF

2013

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças e coragem permitindo assim a realização desse sonho que findei com muita perseverança.

A minha mãe que é uma guerreira, e sem a sua luta eu não teria estudado e jamais chegado até aqui, e a quem eu rogo todos os dias a minha existência.

As minhas irmãs e ao meu irmão, ao meu pai e sobrinho que sempre torceram por mim.

A minha tia Elísia Gonçalves, a minha avó Durvalina e a minha prima Elizabete, que contribuíram imensamente nessa trajetória, incentivando no decorrer dos meus estudos e aconselhando na permanência desse curso, assim realizando e finalizando mais essa caminhada.

A Prof^a. Dr^a. Rosineide Magalhães, pelo incentivo e principalmente a paciência que teve me orientar tornando possível a realização desse trabalho.

A Profa. MsC. Roberta, que também contribuiu imensamente nesse processo com o seu carisma e dedicação, sou muito grata.

Aos professores da LEdoC, que foram importantes nesse processo acadêmico contribuindo direto e indiretamente na construção desse trabalho. E em especial a Bernard Hess, Tamiel Khan Biocchi Jacobson, Rafael Litvin Villas Bôas e João Batista Queiroz.

A professora Maria da Conceição Fernandes, que é uma pessoa muito especial e instigadora na consolidação desse sonho.

As minhas queridíssimas amigas Lorrane, Neuzinha e Alexandrina pela força, em que as mesmas se encontravam em situações angustiantes bastante parecidas, mas era uma ajudando a outra e dando força. E agradeço imensamente pela nossa amizade.

A Turma Dandara, por possibilitar a oportunidade desse crescimento individual e coletivo. Em especial a Luzinete, Cláudia, Júnior Neres, Osmar, Fabiana Francisco,

José Gomes e Henrique que são pessoas que jamais irei esquecer-los, assim como outras.

Ao Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, por permitir esse adentramento nesse contexto, em que se encontra essa diversidade vernacular muito rica.

A comunidade São Domingos e em especial aos educandos e as pessoas entrevistadas que contribuíram diretamente nessa pesquisa toda a minha gratidão.

A CAPES que através da bolsa PIDIB, propiciou uma maior abrangência enquanto pesquisadora neste contexto e assim consolidando esse trabalho.

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, que permitiu a realização desse sonho e a cada conquista na minha vida, a minha querida e amada família, que nos momentos de ausência dedicados ao estudo sempre entenderam e me apoiaram. E aos meus amigos, que sempre deram força e torceram por mim nessa jornada.

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela

Negar o valor de um dialeto é uma atitude que não tem mais lugar em uma época em que se luta tanto pelo respeito aos direitos humanos, a fim de evitar qualquer tipo de discriminação e preconceito.

LABOV

Lista de abreviatura

FUP: Faculdade de Planaltina

LEdoC: Licenciatura em Educação do Campo

PPP: Projeto Político Pedagógico

TE: Tempo Escola

TC: Tempo Comunidade

UNB: Universidade de Brasília

CNEC: Campanha Nacional de Escolas da Comunidade

C.E.E.J.C: Colégio Estadual Elias Jorge Cheim

LDB: Lei de Diretrizes Básicas

RESUMO

Este trabalho sobre a Estigmatização linguística tem o objetivo de investigar a variedade linguística da comunidade de São Domingos e dos falantes dessa comunidade na escola urbana. A realização desse estudo está de acordo com a metodologia da pesquisa etnográfica, em que são analisados os dados coletados, através das entrevistas e observações realizadas com pessoas mais velhas da comunidade, professoras e jovens de 15 a 29 anos. A pesquisa se fundamenta nas teorias da sociolinguística

conceituada por Bagno (2001, 2007, 2009), Faraco (2008), Sousa (2006), Bortoni- Ricardo (2004, 2005) entre outros. Essa pesquisa mostra como a escola lida com a diversidade vernacular presente no seu contexto. Ela contribui na reflexão de diversos professores que trabalham com a língua, tendo as regras gramaticais ditas como corretas, desta forma rompem com os estereótipos existentes na língua.

Palavras-chave: Estigmatização. Sociolinguística. Linguagem. Estereótipos. Educação do campo.

ABSTRACT

This work on linguistic stigmatization aims to investigate the linguistic variety of the community of Santo Domingo and the speakers in this community rural school. The present study is in accordance with the methodology of qualitative research, in which the collected data is analyzed, through interviews and observations with older people in the community, teachers and young people aged 15 to 29 years. The research is based on theories of sociolinguistics conceptualized by Bagno (2001, 2007, 2009), Faraco

(2008), Sousa (2006), Bortoni-Ricardo (2004, 2005). This research shows how the school deals with vernacular diversity present in its context. It contributes to there flection of many teachers who work with the language with grammatical rules said to be correct in this way to break the existing stereotypes in the language.

Keywords: Stigmatization. Sociolinguistics. Language.Stereotypes.Rural Education.

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

...= pausa maior

..= pausa menor

/?/= fala não entendida

[...]= discurso suprimido

Os nomes das pessoas entrevistadas não aparecem para preservar a identidades dos mesmos. Por isso, utilizamos abreviaturas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I: METODOLOGIA DE PESQUISA	16
1.1- Abordagem qualitativa	16
1.2- Abordagem etnográfica	16
1.3- Colaboradores de pesquisa.....	18
1.4- Contexto de origem dos colaboradores pesquisados	18
1.5- Ausência de ensino médio na Comunidade São Domingos.....	23
CAPÍTULO II: DA EDUCAÇÃO DO CAMPO AO CONTEXTO QUE ELA CIRCULA	26
2.2 Contribuição da Licenciatura em Educação do Campo nessa pesquisa.....	28
CAPÍTULO III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	33
CAPÍTULO IV- ANÁLISE DE DADOS.....	40
4.4- As vozes docentes do Colégio Elias Jorge Cheim sobre as relações entre os alunos e suas identidades: reflexões e propostas para sala de aula	48
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE.....	55

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa sobre a sociolinguística está baseada tanto na minha experiência escolar quanto nos conhecimentos adquiridos no decorrer do nosso curso no Tempo Escola (Universidade), na Licenciatura em Educação do Campo, em aulas do componente “Fundamentos da Linguística”, na Faculdade UnB Planaltina. E, ainda, em observações no estágio na comunidade no Tempo Comunidade. Essa pesquisa tem a finalidade de analisar a estigmatização sofrida pelos alunos que vieram da comunidade São Domingos para estudar na escola pública, da cidade de Cavalcante - GO

O interesse em trabalhar esse assunto veio através de minha experiência em ter de sair da comunidade São Domingos, por falta de escolas de Ensino Médio, para continuar meus estudos. Nessa mudança, deparei-me com o preconceito de ser do meio rural. Com conhecimentos sobre variação linguística, percebi que havia estigmatização com o falar rural na escola de Cavalcante. Diante disso, fui motivada a investigar como a variação é trabalhada na sala de aula nessa escola com alunos da comunidade São Domingos. Na região encontra-se diversas variedades linguísticas e essa comunidade se encontra em meio a essa diversidade vernacular, muito rica e desvalorizada em que é tratada com discriminação.

Essa comunidade apresenta uma variedade linguística muito rica, o que despertou o nosso interesse em conhecer como a escola lida com isso, ou seja, se há preconceito ou não. A maioria dos alunos dessa escola é de zonas rurais e Comunidades Kalunga, com um vocabulário muito rico de origens africanas, europeias e indígenas.

Sabemos que a estigmatização linguística é muito grande em relação a esses alunos ao chegarem das comunidades, pois a cultura rurbana é historicamente mais prestigiada que a cultura rural. Essa é considerada inferior aos falantes urbanos, o que causa situações de humilhações quando a maioria desses falantes estigmatizados prefere ficar calada e não participar das aulas.

Muitas pessoas que moram na cidade se esquecem de levar em consideração que elas mesmas usam a mesma variedade linguística das pessoas oriundas da comunidade campesina, isso pode ser explicado tendo em vista que a escola se

concentra na cidade que é considerada rural, já que atualmente cidades com até 20 mil habitantes, segundo o IBGE de 2012, são consideradas rurais.

Para a realização desse estudo, recorreremos à pesquisa qualitativa, em que utilizamos recursos tais como: entrevistas e gravações, que foram realizadas com jovens na faixa de 15 a 29 anos, da comunidade São Domingos. Este trabalho se fundamenta na teoria da sociolinguística conforme Bagno (2001, 2007, 2009), Faraco (2008), Bortoni- Ricardo (2004, 2005) e Sousa (2006).

Esse trabalho estrutura-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz a metodologia etnográfica. O segundo aborda a Educação do Campo e a Licenciatura em Educação do Campo. Já o terceiro capítulo apresenta a fundamentação teórica com base na sociolinguística. E no quarto capítulo, apresentamos a discussão da variedade falada pelos colaboradores de pesquisa, dialogando com Bagno e Bortoni-Ricardo. Em seguida, nessa perspectiva, discutimos e fazemos uma analogia do preconceito linguístico no contexto urbano da escola de Cavalcante. E, ainda, dialogamos com as vozes docentes do Colégio Elias Jorge Cheim sobre as relações entre os alunos e suas identidades: reflexões e propostas para a sala de aula. E finalizamos com as considerações finais.

Espera-se que esse trabalho contribua não somente no meio acadêmico, acerca da abordagem das variações linguísticas que ele traz, mas fazendo com que as pessoas, principalmente os educadores voltem seus olhares para a metodologia, a forma de trabalhar a norma padrão e outras variedades linguísticas na escola. Assim, levando em consideração os diversos vernáculos tão presentes na nossa sociedade que identificam a cultura local, sem perder o foco da escola, que é ensinar a norma padrão.

CAPÍTULO I: METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo trata da abordagem metodológica e da exposição de todo o contexto norteador de pesquisa.

1.1- Abordagem qualitativa

Segundo Gonsalves (2011), a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica. Esta abordagem, em outras palavras, consiste em um processo de estudo aprofundado sobre um contexto que muitas vezes deixamos de observar minuciosamente e que poderá identificar e caracterizar cada sujeito em seu contexto histórico e social.

E isso aponta princípios da análise qualitativa, uma vez que ela também tem como subjetivo analisar, assim atingindo o seu objetivo dialogando com cada sujeito colaborador na perspectiva histórica, cultural e temporal. Na realização desse trabalho, deparamo-nos com dois tipos de sujeitos, sendo de um lado o investigador e do outro o investigado. Para alcançarmos os resultados nessa pesquisa, há necessidade de interação, para que assim passemos confiança e segurança um para o outro.

Essa pesquisa tem o intuito de analisar os jovens vindos da comunidade São Domingos, pois nesse contexto se encontra uma diversidade linguística muito abrangente, pois facilita na análise dos dados em que teria que buscar a história de vida de cada pessoa entrevistada e observada. E como a cidade de Cavalcante atende todas as demandas das comunidades, uma vez que na maioria das comunidades, a única que têm o Ensino Médio é o Engenho II.

1.2- Abordagem etnográfica

No presente estudo, utilizamos a abordagem etnográfica por considerar a imersão no contexto pesquisado. Segundo Sousa (2006), a palavra etnografia vem do grego “*ethnoi*” e “*graphos*” que significa os “outros e a escrita, a descrição e o registro”. A etnografia vem se fundamentando de acordo com a necessidade de cada área de

conhecimento que a utiliza na metodologia de trabalho, pois ela se baseia em observar, descrever, analisar e interpretar o ambiente em que foi pesquisado. E este trabalho transcrito faz parte da realidade na qual podemos contextualizar a história da Comunidade São Domingos que ainda é tão desconhecida e desvalorizada.

Nessa pesquisa, o olhar está voltado para um pequeno grupo de estudantes vindo da comunidade São Domingos, em que neste mesmo contexto está presente um grande número de estudantes com uma rica variedade vernacular. E para a realização dessa pesquisa etnográfica, foram utilizados alguns recursos tecnológicos como a câmera fotográfica, caderno, caneta e o gravador, e no metodológico a entrevistas, gravações, fotografias, observações e registros escritos. Mas devido à ótica ser construída neste contexto, foi utilizado principalmente o gravador e anotações escritas, no intuito de desinibir os entrevistados.

E de acordo com Marli André e Bortoni–Ricardo (*apud* SOUSA, 2006, p. 10), que traz o conceito de etnografia educacional, em que

André busca investigar a prática pedagógica do contexto escolar, com ênfase no professor e nas rotinas do trabalho docente. E Bortoni- Ricardo, descreve e analisa diferentes pesquisas etnográficas realizadas no contexto de sala de aula, com a finalidade de levar o professor a refletir sobre sua prática docente e transformar-se em um professor- pesquisador.

Diante dessa análise, vemos o quanto é importante o professor enquanto mediador nesse processo de formação e aprendizagem, estar atento e disposto a trabalhar com as diversas variações linguísticas e desmistificar os métodos que são impostos como a única verdade. Isso não significa que não possa trabalhar com as normas e formas pré-estabelecidas, pois há a necessidade de saber discerni-las, mas procurando valorizar os vernáculos que os educandos trazem para acabar com os mitos existentes em relação ao preconceito linguístico.

Para todo esse processo é necessário ter em mente a importância do conhecimento empírico em junção com o acadêmico. Como esta pesquisa foi realizada por meio de entrevistas e observações, foram elaboradas algumas questões para conhecer as estigmatizações presentes na fala dos educandos que estão estudando na escola localizada no meio urbano, mas são advindos da comunidade rural São Domingos. Essas perguntas se encontram no Apêndice.

1.3- Colaboradores de pesquisa

Para essa pesquisa foram realizadas entrevistas na cidade de Cavalcante-GO, com treze pessoas, sendo quatro professoras que atuam no Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, cinco educandos oriundos da comunidade São Domingos com a faixa etária entre 15 e 29 anos, e quatro pessoas mais velhas dessa Comunidade com idade de 65 a 80 anos.

Para a concretização desse trabalho, foram utilizados três questionários, sendo um direcionado aos educandos, outro às professoras e o último às pessoas mais velhas da comunidade, totalizando 16 questões. As entrevistas realizadas com as professoras têm a intencionalidade de observar como lidam com os diferentes linguajares presentes no contexto da escola. Com os educandos, o objetivo da pesquisa é de analisar os estereótipos vivenciados por eles ao saírem da comunidade em busca da continuidade dos estudos, até mesmo, por que é um direito de todos. E as entrevistas realizadas com as pessoas mais velhas foram com intuito de reconhecer e afirmar as origens dessa comunidade. Ambas as pesquisas objetivam a reflexão e a conscientização sobre o que vivenciamos em diversos contextos.

1.4- Contexto de origem dos colaboradores pesquisados

Para subsidiar esse trabalho foram realizadas entrevistas com as pessoas mais velhas da Comunidade São Domingos no intuito de constatar e reconhecer as origens e o contexto histórico dessa Comunidade localizada ao norte da Chapada dos Veadeiros no município de Cavalcante- Goiás.

A comunidade São Domingos localiza-se a 58 km da cidade de Cavalcante. Era habitada pelos índios e depois por descendentes de índios que se misturaram com os outros povos que migraram para lá como os afrodescendentes que por lá se esconderam e os bandeirantes. Surgiram esses povos bem diferentes dos outros, inclusive a minha bisavó era índia, e com essa mistura foi crescendo e dando origem a essa pequena comunidade.

O acesso é por estrada de chão, que se encontra em péssimas condições. O transporte é feito por um carro da linha que liga a cidade de Minaçu à Cavalcante, e quando quebra os moradores ficam isolados, a não ser que contem com carros da prefeitura para transportá-los e isso raramente acontece. Na comunidade ainda não

tem energia elétrica, os moradores utilizam lamparinas e velas. Devido à falta de energia, telefones, somente alguns moradores que compraram antenas que adaptam em suas casas captam o sinal de celular, assim tendo como se comunicar com seus parentes e até mesmo com seus filhos que estudam na cidade.

A água é através de um motor que, quando bombeado do poço enche uma caixa e distribui para alguns moradores. Infelizmente não são todas as pessoas que têm este acesso, recorrendo assim ao rio para abastecer suas casas. Isso quando o motor não quebra, mas quando isso ocorre, gera um grande transtorno para os moradores, e as dificuldades aumentam cada vez mais. Antes o acesso à escola era bem difícil devido à necessidade de os filhos ajudarem seus pais na lavoura. Poucas pessoas tinham esse acesso, mas mesmo assim posso citar como exemplo a minha mãe que estudou até o 6º ano (antiga 5ª série).

Na saúde, os moradores contam com a cidade, porque a comunidade não tem sequer um pequeno posto que seja para atendimento, até mesmo para sanar pequenos problemas. Assim, quando acontece algo, eles se deslocam para Cavalcante e se for algo mais grave são encaminhados para outros locais como Brasília ou Goiânia. Hoje a comunidade tem uma escola municipal, que é a Vereador Anedino de Deus Coutinho, onde também funciona a extensão da rede Estadual do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim. A escola é composta por quatro salas de aula, uma cantina, um banheiro e uma pequena sala que tem alguns livros, onde nem se sabe se pode ser chamada de biblioteca. A rede estadual funciona no período da tarde, os professores são da própria comunidade.

Não podemos falar dessa comunidade sem contar um pouco da história de Cavalcante, pois todas as comunidades são totalmente dependentes dela. É uma pequena cidade de interior que apesar de se localizar em um meio urbano, 90% de sua população é de origem rural, com hábitos e costumes camponeses. Segundo o atual censo do IBGE (2012) cidades com menos de 20.000 (vinte mil) habitantes são consideradas do meio rural.

1.5 A escola pesquisada e seu contexto histórico

De acordo com o livro de tombamento da Arquidiocese de Formosa - GO, a Paróquia de Cavalcante vendo a necessidade de alfabetizar os filhos de seus paroquianos criou o grupo escolar na década de 60, dando início à Educação Cavalcantense e aos

primeiros passos do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim que fica localizado à Rua 02, Nº 142, loteamento B, zona urbana do município de Cavalcante GO. A escola foi criada em 10 de Janeiro de 1978, pela lei de criação nº 8.408. Nesta época funcionava o ensino infantil e o ensino fundamental da 1º a 8º série nos turnos matutino e vespertino. Ela tinha aproximadamente 248 alunos e 10 professores e a diretora era a professora Joana Lustosa Maia.

No ano de 1991, com o fim da campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) em Cavalcante, o Ensino Médio que funcionava nesta instituição passou para a Escola Estadual Elias Jorge Cheim. Na época, a diretora dessa escola era Marlânia Silva, que lutou pela autorização do curso de Ensino Médio Técnico de Contabilidade. A autorização saiu junto com a mudança da escola que passou a se chamar Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, conforme a resolução nº 122 de 21 de Julho de 1991 e portaria nº 4.478/91 de 21 de Julho de 1991. O colégio passou a funcionar nos três turnos, com cerca de 460 alunos e 13 professores, atendendo a Educação Infantil, o Ensino fundamental e o Ensino Médio.

A primeira ampliação física ocorreu em 1992, sendo 04 salas de pré- moldado, aumentando a capacidade de atendimento da instituição. Entre 1993 e 1995, o Colégio já estava sob a direção do professor Ary Ferreira da Silva. De acordo com os atos de legislação do estabelecimento resolução nº 645/95 e parecer nº 1005/95, o Estado cede ao município parte do terreno para a construção do ginásio municipal. Este ato marcou o Colégio no ano de 1994. De acordo com o parecer nº 1049/97 e portaria de reconhecimento nº 2197/97 de 21, de Julho de 1997, na direção do professor Hugo José Vidal (nos anos de 1996 a 1999), o Colégio teve sua primeira grande reforma, a construção do muro em torno de área do Colégio, a mudança do sistema de iluminação e a instalação da sirene.

Nos anos de 1999 a 2003 saiu a segundo ampliação do Colégio com mais um pavilhão com cinco salas, sendo uma para laboratório de informática. E nos mês de Maio de 2002 um fato marcou o Colégio Estadual, foi realizada a primeira eleição direta para diretor, um ato democrático que deu início a novos rumos da educação. Já na direção da diretora eleita Maria Alice da Silva nos anos de 2003 a 2005, criaram-se as extensões do povoado de São Domingos, Vão do Moleque, Vermelho, São José e Engenho II.

Nos anos de 2005 a 2007, já na direção da professora Georzélia Gomes Gonçalves, o Colégio passou por mais uma grande reforma e ampliação do quadro

de funcionários e dos números de alunos que contando com 45 professores, 28 administrativos, 1053 alunos, 38 turmas e extensões. Em 2013, na direção da professora Ivani Silva Malta Araújo, o quadro de funcionários e o número de alunos aumentam para 51 professores, 31 pessoas na parte administrativa, 1.206 alunos, sendo 90% da zona rural nas 38 turmas, contando com as extensões, que são elas: a do povoado São Domingos que fica a 58 km de Cavalcante e ministra do 6º ao 9º ano do ensino fundamental; a do Engenho II fica a 27 km e tem do 6º ao 9º do ensino fundamental e a 1º e a 2º série do ensino médio e a do Povoado Vão de Almas que fica a 160 km e atende do 6º ao 9º ensino fundamental.

O vermelho que fica a 136 km, tem do 6º ao 9º ensino fundamental. E Vão do Moleque fica a 135 km e tem do 6º ao 7º do ensino fundamental, que juntos funcionam de segunda a sexta nos seguintes horários: matutino das 07 horas às 12h10, vespertino das 13 horas às 18h10 e noturno das 19 horas às 23 horas. O funcionamento do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim aos sábados depende das atividades a serem realizadas para que tenha horário definido, sendo o trabalho coletivo, das 08 horas às 12 horas em um sábado do mês.

O Colégio Estadual Elias Jorge Cheim é considerado o maior colégio da regional de Campos Belos, com um terreno de 10.274,52 m² com uma área construída de 5.852,96 m², e a desocupada é de 4.421,56 m². Então fica distribuída da seguinte forma: 12 salas de aulas que funcionam como salas ambientes; 01 biblioteca; 01 cantina com depósito de alimentos; 01 secretaria; 01 sala de professores; 01 sala de direção; 01 sala para apoio inclusivo; 01 sala adaptada para laboratório de informática; 01 depósito para material em geral; 02 banheiros femininos com 07 boxes; 02 banheiros masculinos com 07 boxes; 03 banheiros para os servidores; 01 depósito para material de limpeza e expediente; 01 pátio amplo e descoberto e 01 sala para almoxarifado.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim foi construído propondo novos caminhos para uma escola diferente. Todas as questões que envolvem o fazer pedagógico e as suas relações com o currículo, conhecimento e com a função social da escola vislumbram uma educação que busca dia após dia a melhoria do ensino, a fim de solidificar o direito constitucional e proporcionar o sucesso não somente na escola, mas para a vida.

Esse PPP traz uma reflexão sobre qual educação básica que se vai construir e oferecer à comunidade. E qual é a necessidade dos alunos da rede municipal urbana

em especial a comunidade das escolas rurais, para exercerem a sua cidadania. Nessa sociedade tão cheia de conflitos que estão presentes não só no ambiente escolar, mas nas relações pessoais, no confronto de ideias e nos surgimentos de novas concepções de conhecimento.

Portanto, essa reflexão continua baseada principalmente na Prática Política Pedagógica cotidiana nas discussões dos referenciais teóricos que os encaminham para uma “práxis” responsável e compromissada com uma escola pública de qualidade. O objetivo específico baseia-se em oferecer uma educação consistente, firmada nos mais nobres valores humanos e sociais, que contribuam às resoluções das mais variadas situações do cotidiano em sociedade, zelando pelo respeito, convivência pacífica, fraterna e solidária em nossa comunidade. Além de incentivar as participações dos pais, para que atuem de forma efetiva e eficaz na vida escolar dos seus filhos, sendo agentes colaboradores junto aos educadores.

O Colégio Estadual Elias Jorge Cheim tem por objetivo geral sua ação educativa fundamental nos princípios da universalização de igualdade de acesso, permanência e sucesso da obrigatoriedade da educação básica e da gratuidade escolar. Elias Jorge Cheim é um colégio de qualidade, democrático, participante e comunitário como espaço cultural de socialização e desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício dos direitos e o cumprimento dos deveres, sinônimos de cidadania.

Na escola, a maioria dos professores tem nível superior além de serem concursados pelo Estado, mas como tem déficit de professores, são contratados funcionários temporários por um ano ou por mais tempo, dependendo da demanda. A gestão da escola sozinha não toma decisões, mas com a comunidade escolar juntamente com o conselho, que são convocados sempre que há assuntos pendentes que precisam ser votados, quando cada um cumpre com suas atribuições. A diretora tem por obrigação dirigir a escola, ou seja, comandar. Já a vice-diretora fica com a parte pedagógica junto com os coordenadores. E a secretaria cuida da parte burocrática.

No conselho que tem a participação dos alunos, dos professores e os outros membros escolares, falta à colaboração dos pais que não acompanham a vida escolar dos seus filhos e nem procuram saber o que se passa dentro de escola. Antes havia o grêmio estudantil e representantes discentes na sala, hoje a maioria dos jovens não tem o mesmo interesse, já não há mais nada nesse sentido. E segundo relatos da

atual diretora, não é por falta de incentivo. Inclusive, agora, no conselho municipal de Educação, só tem uma professora que faz parte dele.

1.5- Ausência de ensino médio na Comunidade São Domingos

Na comunidade São Domingos, o Ensino Fundamental enfrenta problemas relacionados à falta de professores com formação adequada, sendo difícil encontrar professores para lecionar do 6º ao 9º ano, imagina para o Ensino Médio, pois eles são contratados temporariamente pelo Estado. Mas, os professores que moram na Comunidade, apesar de desenvolverem suas atividades em sala de aula, apresentam dificuldades no que tange à adequação de formação na área em que atuam, ou seja, há professores que ministram disciplinas sem ter a mínima formação exigida pela LDB/1996. Essa questão gera conflitos internos, de cunho administrativo e pedagógico na escola.

Ao procurar a Secretaria de Educação do colégio Estadual Elias Jorge Cheim, para saber como essas escolas que não possuem o ensino médio poderiam ou poderão fazer para conseguir implementá-lo, mesmo já sabendo o motivo, mas tentando buscar mais informações acerca do assunto, pois isso só afirma a falta de interesse dos nossos governantes em sanar o acesso de todos a uma educação com qualidade. E as escolas que possuem o ensino fundamental e o ensino médio na região, são suas extensões.

Em muitas comunidades do município que têm o mesmo problema, é perceptível que a maioria das pessoas que assumem essa responsabilidade não tem formação que possibilite o avanço e conseqüentemente o Ensino Médio implantado na comunidade. Mesmo sendo educanda da LEdoC, além de ser da própria comunidade, nunca foi possível trabalhar na escola.

É difícil resolver os problemas das escolas que são extensões do C.E.E.J. C, isso acontece devido à gestão estar centrada na cidade o que dificulta a solução das demandas, o deslocamento torna-se impossível e nos coloca para assumirmos múltiplas funções em nossas escolas (professor, médico, pai).

E baseada nas observações realizadas no colégio Estadual Elias Jorge Cheim, é perceptível que os professores que são concursados e com mais tempo de trabalho que, apesar de terem amor pela profissão, precisam compreender melhor as identidades dos educandos do ensino fundamental e médio e como relacionar essas

diferenças com a realidade de sala de aula. Isso faria com que as aulas ficassem mais atrativas e ligadas à realidade social dos educandos em questão.

E os contratados apesar da vontade de mostrarem serviço, estão despreparados porque muitos acabam de sair do ensino médio e não têm uma preparação além de pegarem as disciplinas que não dominam, prejudicando os alunos. Os materiais didáticos e pedagógicos são ultrapassados, devido só chegarem às mãos dos corpos docentes e discentes muito tempo dos fatos ocorridos e não são voltados para a realidade, a cultura da região, não que seja desnecessário estarem informados, mas que abrangessem a cultura local, com isso formando cidadãos críticos e participativos com embasamento na sua história, no seu dia-a-dia.

E fazendo com que os alunos tivessem mais ligação, uma participação mais ativa na formação acadêmica e não somente o papel de receber o que a escola reproduz baseado na imposição do estado. Mas se os professores se aprimorassem de métodos e colocassem os objetivos em prática, buscariam introduzir os conteúdos nas brechas do PPP, vendo a partir dessa necessidade dos alunos de não conhecer o mundo lá fora, sem saber distinguir o que acontece em sua volta.

Não podemos mudar totalmente a matriz curricular, mas introduzindo no PPP a realidade, os conteúdos voltados para cada região e comunidade, onde os professores que estão mais abertos a essa proposta busquem dinamizar as suas aulas, envolvendo os alunos, todo o grupo escolar.

1.6 Instrumentos de pesquisa

Como foi dito, esse estudo é de cunho qualitativo é etnográfico, em que nos apoderamos de recursos como as entrevistas e gravações. E como recursos tecnológicos, foram utilizados alguns recursos como o caderno, caneta e o gravador. E no metodológico, aponderamos das entrevistas, gravações e observações.

Para essa pesquisa foram realizadas entrevistas com 13 pessoas, sendo 4 professoras, 5 educandos e com 4 pessoas mais velhas. E utilizados três questionários com 16 questões. Esses dados deram embasamentos para o reconhecimento da origem cultural, temporal e social dessa comunidade através das

peças mais velhas e com os jovens os que sofrem com o arraigamento de suas raízes ao saírem em busca de uma perspectiva de melhoria, sendo o seu contexto rural, indo para o urbano, em que esse conjunto encontra-se uma população corresponde a 90% urbano.

1.7 Perguntas de pesquisa

Qual é a variedade linguística da comunidade São Domingos na fala dos jovens na faixa etária de 15 a 29 anos?

E como se dá a estigmatização da variedade linguística na escola de ensino médiorurbana de Cavalcante?

1.8 Objetivos

Geral

Investigar a variedade linguística da comunidade de São Domingos e a estigmatização dos falantes dessa comunidade na cidade na escola de ensino médiorurbana.

Específicos

Investigar a variedade linguística da comunidade São Domingos, por meio da fala de alguns jovens.

Investigar a estigmatização da linguagem desses jovens quando chegam à escola urbana, no ensino médio.

Identificar as dificuldades que essa estigmatização causa na sua vivência na escola.

CAPÍTULO II: DA EDUCAÇÃO DO CAMPO AO CONTEXTO QUE ELA CIRCULA

Nesse capítulo, serão abordados e contextualizados os objetivos da Educação do Campo e da Licenciatura em Educação do Campo.

2.1 Educação do Campo

O dicionário de Educação do Campo (2012) define a política educacional como aquela que analisa os interesses sociais e econômicos que se fazem presentes nos programas e ações governamentais no âmbito da educação. Ela é uma estratégia, um plano de desenvolvimento educacional com o objetivo de investir em escola, professores e universidades, ou seja, a concepção da política educacional compreende o poder administrar e seguir as estratégias.

E segundo Tafarel e Molina (2012) no dicionário da Educação do Campo, que define a Política educacional como aquela que analisa os interesses sociais e econômicos que se fazem presentes nos programas e ações governamentais no âmbito da educação. E no decorrer dos anos no Brasil a Política Educacional vêm sendo definida de formas diferentes, por ser um elemento de normatização do Estado e que envolve interesses políticos diversos, no entanto, sabemos que a Política Educacional de um país deve ser guiada pelo povo, respeitando o direito de cada indivíduo e assegurando o bem comum.

E outras vertentes ao pensarmos em política educacional, iludimo-nos com uma política que atenda os planos de desenvolvimento educacionais e que tenha estratégias no seu desenvolvimento e que invista em escolas e professores. Mas o que percebemos é que essa política é totalmente voltada para um pequeno grupo que literalmente decide tudo e não considera as especificidades de cada município e comunidade.

O Estado reforça a ideia de imposição, utilizando como pontes as diretorias estaduais para garantir ainda mais esse domínio, por fazerem parte da comunidade, nós passando a ideia de que teríamos autonomia para adequar à realidade da mesma. Esquecendo-se que isso é uma forma disfarçada de manter e garantir que essas pontes executariam o que eles estão impondo a nível federal.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em que no primeiro artigo diz que:

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Como vemos é bonito esse artigo no papel, mas a realidade de grande parte das escolas é totalmente distorcida, pois a Lei era para ser executada.

Os processos formativos de que trata a lei, se realmente fossem trabalhados teríamos avanços na construção e formação do ser social, coletivo, ou seja, organizativo que procuramos ser nessa sociedade capitalista em que vivemos. Pois, ao chegar à sala de aula, muitos alunos que pertencem à classe menos favorecida são discriminados.

Devido a essa situação causada pela falta de interesse dos governantes para com a sociedade, eles tentam através de benefícios sociais sanar o que não tem aparentemente solução. Isso ocorreu somente porque durante vários anos os sistemas educacionais eram excludentes à massa popular e voltados só para a elite, em que por muito tempo o nosso país era tachado de “país dos doutores e analfabetos”.

É pior ainda quando se fala dos Princípios e Fins da Educação Nacional no Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

As escolas, além de não desenvolver trabalhos voltados para contemplar a realidade dos alunos, são puramente conteudistas, ou seja, não querem saber se o aluno aprendeu ou não, eis a questão, é óbvio que elas não estão preocupadas com os valores éticos e formativos que esses alunos estão buscando. Isso ocorre devido ao Estado estar preocupado somente com os índices do IDEB, e não com a qualidade da formação que esses alunos tiveram na escola e que vão levar para a vida.

Diante da leitura do documento do FONEC (2012), podemos analisar a concepção que ele traz a relação entre Política educacional e a Educação do Campo, faz críticas em relação às políticas do PRONACAMPO, que tem como objetivo assegurar a melhoria do ensino nas redes públicas de educação básica, bem como a formação de professores, produção de material didático específico, acesso e recuperação da infraestrutura e qualidade da educação em todas as etapas e

modalidades de ensino, compreendendo ações ao acesso, à permanência e à aprendizagem na escola com a valorização do universo cultural das populações do campo, estruturado em quatro eixos.

Ao ler os objetivos do PRONACAMPO e do SENAR, vemos que no eixo da educação profissional é voltado somente para atuação e a preparação para o mercado de trabalho, ou seja, não se preocupando com a formação de um ser social, capaz de transformar a comunidade de forma que atenda não só o mercado de trabalho, mas por outro lado, sabemos que é impossível se formar em qualquer área e não entrar para o mercado de trabalho.

Diante disso, temos uma angústia que esperamos que não se perpetue por muito tempo, que seria reconhecer a Licenciatura em Educação do Campo como uma Política Pública que culmine numa continuidade que possa atender as especificidades da Educação do campo, através da realização de concurso público. Uma vez que está qualificando educadores que possam trabalhar diretamente em suas comunidades, mas não temos garantia que serão os mesmos mentores dessa tão sonhada utopia.

2.2 Contribuição da Licenciatura em Educação do Campo nessa pesquisa

Segundo o livro, *Por uma Educação Básica do Campo* (1999), entre os dias 27 a 31 julho de 1997 em Brasília, na cidade de Luziânia foi realizado a I Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo que foi um processo de reflexão e de mobilização do povo em favor de uma educação que levava em conta, nos seus conteúdos e na metodologia, as especificidades do campo.

Essa luta deu-se início no final do I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (Enera), promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em julho de 1997, em Brasília, em parceria com diversas entidades, como a Universidade de Brasília (UnB), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Para a consolidação dessa luta levaram em conta a cultura, as características, as necessidades e os sonhos dos que vivem no campo e do campo. E outra concordância foi em relação à vinculação da educação básica do campo com um projeto popular de Brasil e com um projeto popular de desenvolvimento do campo. A proposta dessa conferência tem no seu horizonte a consecução de políticas públicas

para o desejado desenvolvimento do campo e conseqüente educação básica adequada e, nesse sentido, tenta realizar uma mobilização da sociedade e do governo tendo em vista uma ampla conscientização a respeito de tal magno tema.

A Educação do Campo surgiu como uma denúncia e como mobilização organizada contra a situação atual do meio rural, isso é, a exclusão e expulsão das pessoas do campo; desigualdades econômicas e sociais, ocasionando também as desigualdades educacionais.

Os sujeitos principais são as famílias e comunidades formadas por camponeses, pequenos agricultores, sem-terra, atingidos por barragens, ribeirinhos, quilombolas, pescadores e muitos educadores e estudantes das escolas públicas e comunitárias do campo, articulados em torno de movimentos Sociais e Sindicais, de universidades e de organizações não governamentais. Todos estão em busca de alternativas para superarem esta situação que tanto desumaniza os povos do campo, mas acaba afetando a humanidade como um todo.

Segundo o PPP da LEdoC, o curso tem como objeto a escola de Educação Básica do Campo, com ênfase na construção da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. Ele tem o objetivo de preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno.

Essa formação se fundamenta nas bases legais e tem o seu objeto da proposta em: Lei 9.394 de 1996; Parecer CNE/CEB 36/2001 e Resolução CNE/CBE 1/2002 que institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo e Parecer CNE/CP 009/2001 e Resolução CNE/CP 1/2002 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura.

A matriz curricular apresenta uma estratégia de multidisciplinaridade em que os componentes curriculares são organizados em quatro áreas do conhecimento: linguagens (expressão oral e escrita em língua Portuguesa, Artes e Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências Agrárias; Ciências da Natureza e Matemática.

E dentre as áreas, podemos optar por uma área de habilitação, sendo a Linguagens ou Ciências da Natureza e Matemática, que estão em funcionamento na Universidade de Brasília. As etapas (semestres) desse curso são presenciais e em regime de alternância entre Tempo/Espaço, Escola-curso e Tempo/Espaço

Comunidade do Campo. Isso está articulado entre a educação e a realidade específica das populações do campo, facilitando assim o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício e com isso evitando que os jovens e adultos nessa busca da realização de um sonho em ter um nível superior acabe deixando o campo e conseqüentemente as suas raízes.

Ainda no contexto da Educação do Campo, segundo Paulo Freire (*apud* QUEIROZ, 2004, p. 107), com a pedagogia do oprimido há um novo olhar para as práticas pedagógicas presentes nos processos sociais e para os próprios processos sociais como mediações pedagógicas na construção de novos saberes e novas práticas.

No sentido da pedagogia da exclusão no processo formativo na comunidade, vemos que ainda há uma luta para reconhecer, ou seja, sermos reconhecidos como os sujeitos, como detentores da nossa própria história. Isso é perceptível nas escolas, em que são trabalhados conteúdos que fogem da realidade dos educandos, sendo o nosso município muito rico histórica e culturalmente, uma vez que isso é desvalorizado, fazendo com que muitas vezes deixemos de conhecer as nossas histórias e origens, focando no que tradicionalmente a metodologia do Estado nos impõem. Já que o currículo aplicado nas escolas ainda tem o objetivo de formar cidadãos para cumprirem as demandas do mercado, da sociedade, da ciência, das tecnologias e competências, ou da sociedade da informática que ainda são os referenciais para o que ensinar e aprender.

Outro ponto que é bem visível é a exclusão social/ inclusão social, pois na escola a qual estou inserida, percebo que muitas vezes a exclusão não se dá somente através da diversidade linguística, mas sim tomando outra proporção que já é a social. Isso é visível nos educandos que chegam das escolas rurais, pois se muitos deles tivessem condição, o processo de inserção, ou seja, a inclusão fica mais fácil.

Miguel Arroyo, em um Seminário integrador realizado no Campus Faculdade UnB de Planaltina- FUP, nos dias 25 e 26 de outubro de 2013, posiciona-se na questão de que o campo pode e deve avançar sem perder as suas características históricas e culturais, e isso também não impede que os camponeses possam ter acesso aos bens que fazem parte do usufruto de toda a humanidade.

Através das experiências teóricas e práticas apresentadas por Miguel Arroyo, para que consigamos mudar essa triste realidade, tanto dos sujeitos do Campo quanto Quilombolas, seria extremamente necessário desvincular as escolas que são

extensões de Colégios Estaduais localizados na cidade. A luta para desvincular as escolas das Comunidades Kalunga e Comunidades rurais do município de Cavalcante, em que essas escolas serão reconhecidas como Kalunga e Escolas do Campo, é o primeiro passo.

Essas Extensões não têm autonomia alguma, a começar pela metodologia que basicamente não está voltada para atender as especificidades dos camponeses e Kalunga, uma vez que tudo se concentra na escola núcleo localizada na cidade.

Em seguida, para que essas escolas realmente contemplem as necessidades do Campo, uma vez que se localizam no campo e não venham a cair em contradição, elas precisam ter as suas diretrizes voltadas para a realidade do campo. E também que as pessoas envolvidas neste processo saibam realmente o que é a Educação do Campo e no Campo. Em que Do: sendo uma educação pensada e vinculada à sua cultura e identidade e NO: que essa educação seja no lugar em que vivem, pois é um direito de todos.

Essa desvinculação tem como proposta desenvolver as matrizes curriculares juntamente com a comunidade, atendendo e contemplando as especificidades e as demandas de cada comunidade, sendo Kalunga e outras comunidades rurais. Por outro lado, essa desvinculação travaria os educandos quanto à vinda para o Tempo Escola na faculdade, devido à direção ainda estar centrada em Campos Belos, e afetar diretamente os professores de todos os municípios, sendo a diretora de uma das escolas.

O texto a Escola Viva de Gramsci (*apud* QUEIROZ, 2004, p. 106) aborda a formação do intelectual, que para provar que está apto a exercer os cargos designados para cada formação, é necessário ter canudos, certificados, e a sociedade não aceita que outras pessoas que não comprovem essa formação sejam consideradas intelectuais, sendo elas que colocam a mão na massa, detentoras de todo um conhecimento.

Para Gramsci (*apud* QUEIROZ, 2004, p.111) todo o homem é um intelectual independente de sua classe social. Diante da inserção na escola, comunidade e a cada fase de observação e estágio é um aprendizado enorme que temos, e diante da realidade de agora assumirmos a responsabilidade de educadores, mudamos totalmente a forma de fazer críticas, pois vemos que muitas coisas erradas não são culpa dos professores, e sim de todo esse sistema em que vivemos.

As metodologias de ensino dizem respeito a tudo que temos que seguir sem estar de acordo com a realidade dos educandos, que acabam sofrendo, literalmente descendo tudo de goela abaixo sem compreender nada. Diante disso, ao assumir no primeiro semestre de 2012 a sala de aula, procuramos trabalhar com a interdisciplinaridade, pois a carência desses alunos era muito grande em linguagens, mas infelizmente o Estado nos empurra disciplinas que não são da nossa área deixando a desejar a disciplina que poderíamos focar mais, para melhorar a realidade desses educandos e é claro neste processo aprendendo junto com eles. E sem contar que ficamos sobrecarregados com a carga horária.

Através de tudo realizado, até agora, em nosso curso, na escola e comunidade de inserção, e diante das experiências que temos isso só deixa claro que as atitudes que devemos tomar acerca dos nossos conflitos, temos que ter consciência de que a busca por essas transformações não acontece da noite para o dia, e que na busca da formação desse intelectual orgânico que nos transformaremos. Devemos estar cientes que não mudaremos a nossa realidade da mesma forma, ou do jeito que sonhamos em um passe de mágica.

É triste, mas dependemos de todas as esferas políticas, todo o sistema capitalista, e quero acreditar que não será impossível mudá-lo, mas ainda somos subalternos a ele. Enquanto não conseguirmos diminuir esse número onde os considerados os “chefões” mandam e a maioria da classe trabalhadora e pobre simplesmente ouvem e obedecem, os que têm acesso ao nosso dinheiro e de nos dominar, não chegaremos a implantar o tão sonhado sistema socialista, igualitário e justo a todos e para todos.

A LEdoC tem por objetivo formar docentes que possam voltar para as comunidades e contribuir socialmente nessa perspectiva que tanto almejamos, pois nos ajuda através dos conhecimentos empíricos arraigados em científicos. Mas é uma pena que ainda não tenha uma abrangência maior, quanto a atender as especificidades do campo em todas as formações, pois as comunidades necessitam de outros profissionais que retornem e ajudem-nas em outros campos. E agora temos também o projeto Tecnologias de Informação e Comunicação (TCI) e grupos de teatro, que ajudará nesse processo de luta, resistência, reconhecimento e valorização enquanto sujeitos do e no campo.

E foi através da disciplina de Linguística estudada no curso da LEdoC, que despertou o olhar acerca da estigmatização linguística sofrida pelos educandos

advindos das comunidades rurais e até mesmo por ter vivenciado essa situação. E como educadores em formação, retornaremos às comunidades com um olhar refinado. E, podemos juntamente com outras pessoas lutar por uma transformação social justa e igualitária.

CAPÍTULO III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar essa pesquisa recorreremos aos conhecimentos e discussões acerca da sociolinguística, variações linguísticas e à língua materna e padrão. Assim, apresentamos a seguir a importância da sociolinguística, seguida dos níveis de

variações linguísticas e finalizando com a importância da língua materna e a padrão nessa integração entre diferentes culturas.

3.1 A sociolinguística

Tendo por base o livro “Nada na língua é por acaso” de Marcos Bagno, professor de linguística da Universidade de Brasília (UnB), que nos mostrou o impacto da Sociolinguística sobre o ensino. Vejo a importância de colocar essas teorias em prática adaptando à nossa realidade. A Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, com o estudo sociológico ou social da língua.

A Sociolinguística trabalha com os conhecimentos da Antropologia e da Sociologia, em que o seu objetivo central, como disciplina científica, é relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social, em que podemos ver que a língua e sociedade estão entrelaçadas, pois é impossível estudar a língua sem estudar ao mesmo tempo a sociedade, levando em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si e por meio da linguagem.

3.2 Variações linguísticas

A variação se dá em todos os níveis da língua como a variação fonética-fonológica que ocorre na pronúncia de palavras e/ou sequência de palavras. Por exemplo, a troca do “l” por “r” e vice-versa, em que *classe* se realiza *crasse* e *blusa* se realizam *brusa*. A variação morfológica tem sufixo diferente e expressa a mesma ideia como fedorento e fedido. Já na variação sintática, podemos mudar alguns elementos na frase, mas o sentido continua o mesmo como em: ele a deu um abraço forte e ele a abraçou fortemente.

A variação semântica é uma palavra com vários significados como pousar que significa dormir e pousar do avião. A variação lexical é quando temos várias palavras com mesmo significado como a mandioca, macaxeira e aipim. A variação estilística-pragmática é voltada para a fala como gírias, a escrita com os pronomes de tratamentos e a postura como o modo de se vestir para uma entrevista de emprego.

E quanto à variação sociolinguística, os fatores extralinguísticos se classificam em variação diatópica, a origem geográfica, ou seja, a fala característica das diferentes regiões brasileiras. A variação diastrática está relacionada às classes

sociais, sendo as pessoas de baixa renda consideradas diferentes das que têm renda. Para a variação diamésica, ela se refere ao modo de falar e escrever, o meio de comunicação utilizado, sendo o grau de escolarização. Já a variação diafásica vem da expressão, modo de falar, isso varia de acordo com a idade. E a variação diacrônica é referente à história, à mudança da língua com o passar do tempo.

A variedade linguística é um dos diversos modos da fala. Segundo Bagno (2007), a língua é um feixe de variedades e toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional, não sendo nenhuma forma de falar desconsiderada. O dialeto é uma variedade linguística relacionada à fala, ou seja, um linguajar diferente relacionado ao espaço geográfico. O socioleto determina um grupo como professores, adolescentes, idosos, jovens. O cronoletto está relacionado à idade e o idioleto caracteriza as pessoas no seu modo de pronunciar. Eles seguem a norma culta, mas de fácil entendimento para o leitor.

O tema variedades linguísticas é vista e trabalhada na sala de aula somente como formal e informal, ou seja, a forma correta e a considerada errada. As escolas devem ensinar a norma padrão e a popular, sem desconsiderar a norma popular. A maioria das pessoas que usam a norma menos monitorada são marginalizadas e consideradas ignorantes e não letradas.

Outro preconceito constante é o da mídia que sempre estereotipa a linguagem popular como somente as das pessoas do interior e/ou dos nordestinos que a usem, se esquecendo que muitos são formados em diversas áreas, além de falarem também escrevem sem usar a norma padrão. Mas, nessa sociedade preconceituosa acabam justificando com os que tiveram acesso à educação e entrando também as questões sociais; os que moram nas periferias e zonas rurais são mais excluídos.

Para reforçar essa ideia e nos atentarmos a essa realidade perversa, Bagno (2000) afirma:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão. (BAGNO, 2000, p. 44).

Outro ponto importante é em relação às escolas até meados da década de 1960. Conforme Bagno (2007), as escolas brasileiras eram em número reduzido e se concentravam nas zonas urbanas, sendo muito raras as escolas não só nas zonas rurais, mas até mesmo em cidades de menor porte. E nessas escolas ensinavam e aprendiam somente pessoas das classes médias e médias altas das cidades, ou seja, uma parcela bastante restrita da população.

E segundo o autor, tem até mesmo um mito preconceituoso, que diz que antigamente a escola pública era “boa” e de que a qualidade da educação só fez piorar nos últimos cinquenta anos. A escola pública antes podia ser “boa” porque era para poucos, ou seja, suas portas só se abriam para discentes e docentes vinculados das camadas privilegiadas das zonas urbanas. Esse mito expressa o preconceito contra todo movimento mais amplo de democratização e popularização dos bens sociais.

Para que isso não se repita em salas de aulas os professores devem aprender a trabalhar com essas diversidades, principalmente por termos em nossas comunidades um vocabulário muito heterogêneo. E a partir disso começarmos a tratar os educandos como marionetes, em que reproduzimos os métodos impostos nos livros didáticos e gramáticas sem esse olhar atento à realidade que os livros não contemplam.

E ao reproduzir esses métodos, o livro didático seleciona textos em que a escrita é regionalista, considerando o errado, ou seja, fora da norma padrão coloca-se na maioria das vezes os nossos educandos para transcrevê-los. Mas, apesar disso não devem esquecer que tem que diferenciar, reconhecer e aprender as normas consideradas padrão, pois ao almejar ser aprovado em um concurso público, vestibulares não sejamos hipócritas de não colocá-las como essenciais.

Pois na verdade, devemos aprender a respeitar os vernáculos das pessoas que nos cercam e das nossas comunidades, pois a partir do momento que nos julgamos detentores desse conhecimento, passamos a corrigir de forma errônea essas pessoas que falam da forma menos monitorada. Isso é devido ao fato de muitos não terem esse conhecimento e muitos professores não estão sendo capacitados para trabalharem com essa diversidade multilíngue, tão presente no nosso contexto, onde a maioria dos alunos ao começarem a frequentar as escolas têm ignorado o conhecimento adquirido na vivência familiar.

Bagno (2000) diz que o preconceito está ligado em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Ele compara a

língua como um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa sendo a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta.

Na mitologia do preconceito linguístico, ele nos alerta sobre essa tendência que temos nos dias de hoje de lutar contra as mais variadas formas de preconceito, e a mostrar que elas não têm fundamento racional, nem se justificavam, e que não passam de resultado de ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. E o que mais vemos é esse preconceito sendo alimentado diariamente em programas de televisão e rádio, em colunas de jornais e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

E como vemos em novelas da Rede Globo, como estereotipa os personagens do interior em novelas, principalmente os nordestinos que são sempre retratados com deboche e quando vão trabalhar com jornalismo sempre passam por um processo fonológico para melhorarem segundo eles a fala, o sotaque.

Isso somente no intuito de seguir um padrão imposto pela mídia, em que se não nos adequarmos, não se abrem as portas do mercado de trabalho. É muito triste vermos a maioria das pessoas abandonando as suas raízes, as tradições e os dialetos apenas para se inserirem nesse disputado campo que se tornou a indústria cultural, isso tanto nos aspectos sociais, culturais quanto nos padrões da estética.

A variação linguística deve ser abordada nas salas de aula sem preconceito, respeitando cada um com seu linguajar, como diz Bagno (2007), conscientizando-os do quanto já sabem da gramática, e a partir disso ensinando a norma padrão da mesma. Não devemos desprezar e nem julgar por classe social, ou seja, não significa que uma pessoa de baixa renda fale mais errado do que uma pessoa rica, ou simplesmente porque mora em um subúrbio ou zona rural.

Outros exemplos dizem respeito à forma que usam para estereotipar os caipiras nas festas juninas com as roupas rasgadas, falando tudo errado. Outro é a forma que o Mauricio de Sousa escreve a fala do Chico Bento toda errada, colocando como menino do interior e a fala dos demais personagens como meninos da cidade. A maioria de nossas crianças já cresce sendo moldadas por isso.

É pertinente a crítica de Bagno (2007, p. 123) com relação ao problema de “passar para norma culta” quando diz que:

“Porque, se num primeiro momento, ocorre o reconhecimento da diferença, num segundo momento, quando se pede a reescrita “segundo a norma culta”, essa diferença é transformada em deficiência, em algo que pode e deve ser “corrigido”, e as formas consagradas pela gramática normativa é que terminam sendo enfatizadas como as que “valem” de verdade”.

Diante disso, concluímos que o trabalho com Sociolinguística na sala de aula, não se objetiva excluir o acesso do educando a norma mais monitorada de fala e escrita, ao contrário, tem como objetivo a partir de uma análise minuciosa da fonética e fonologia permitir ao educando compreender sua própria língua numa perspectiva histórica para conhecer e valorizar sua própria cultura.

O tema variedades linguísticas é visto e trabalhado na sala de aula somente como formal e informal. Segundo Bagno (2007), um dos grandes problemas ao trabalhar as diferenças sociolinguísticas nas escolas é utilizar a forma de falar do Chico Bento, considerando-a errada e sugerir aos educandos que as transcrevam na “norma culta”.

O autor acrescenta:

A atividade que manda “passar para a norma culta” acaba se revelando, no fundo, tão preconceituosa quanto a atitude de discriminar o Chico Bento por “falar errado”. Porque se, num primeiro momento, ocorre o reconhecimento da diferença, num segundo momento, quando se pede a reescrita “segundo a norma culta”, essa diferença é transformada em deficiência, em algo que pode e deve ser “corrigido”, e as formas consagradas pela gramática normativa é que terminam sendo enfatizadas como as que “valem” de verdade.” (BAGNO, 2007, p. 123).

Nesse sentido, a variação dentro da Sociolinguística trabalha com os conhecimentos da Antropologia e da Sociologia em que o objetivo central dela como disciplina científica é relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social, onde podemos ver que a língua e sociedade estão entrelaçadas, pois é impossível estudar a língua sem estudar ao mesmo tempo a sociedade, levando em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si e por meio da linguagem.

O capítulo dois do livro “Nós chegemu na escola, e agora”? De Bortoni-Ricardo, traz as desigualdades sociais, variação linguística e o processo educacional. Segundo a autora

A maioria dos estudos sociolinguísticos modernos volta-se para três tipos de situações: sociedades multilíngues ou multidialetais; comunidades falantes de línguas crioulas ou pós-crioulas; dialetos ou variedades urbanas e/ ou étnicas em países industrializados onde a alfabetização é universal.

Nenhuma dessas correntes parece perfeitamente adequada à descrição dos fenômenos sociolinguísticos no Brasil. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 20)

O Brasil, um país monolíngue de grande extensão territorial e vasta população, tem uma diversidade linguística muito distinta, mas infelizmente ainda não se atentou quanto à importância e à preservação dessas diferenças nas estruturas sociais, normas e valores culturais que caracterizam as peculiaridades das diversas comunidades e os seus comportamentos linguísticos.

Esses estudos do ponto de vista teórico ainda teriam sérias implicações pedagógicas, uma vez que a linguística lembra que mesmo ensinando a norma culta nas escolas, deve-se ter um olhar atento sobre a importância de se preservar os saberes sociolinguísticos e os valores culturais que o aluno já traz do seu ambiente social, ou seja, da sua língua materna. Isto é, proteger e dar o direito para que o educando preserve a sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista.

3.3 Língua materna e padrão

Para Bortoni-Ricardo (2004), as variedades linguísticas faladas pelos brasileiros de origem rural e urbana constituem-se de fato, como uma regra gramatical perfeitamente compreendida pela linguística moderna. Com isso, é importante a escola levar os educandos a apoderar-se dessas regras no intuito de enriquecer o seu repertório linguístico, não desvalorizando a sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro da sua comunidade, ou seja, da sua língua materna.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), o conceito de rurbano para definir populações rurais com razoável integração com a cultura urbana e populações com razoável preservação de seus antecedentes rurais, torna-se muito operacional, sendo esse crescimento populacional nas regiões urbanas devido à migração rural ser formada também pelo campesinato.

E a mesma autora afirma que no Brasil, com exceção das tribos indígenas que estão lutando para a preservação de seus valores socioculturais e linguísticos, os brasileiros ainda não dão valor ao fenômeno de desenvolvimento do sentimento de etnicidade em grupos minoritários e a consequente resistência consciente aos valores da cultura dominante não tem a mesma importância que assume em outros países.

E analisando os resultados dos estudos da sociolinguística e da socioantropologia de redes, em que as redes densas são colocadas como laços contraídos em um território limitado, ou seja, são próprias de grupos de nível socioeconômico mais baixo, em que prevalece a orientação para a identidade.

Através desses marcos da sociolinguística, percebe-se que há uma forte tendência à preservação do vernáculo, sendo a variedade usada no lar e no círculo de amigos e vizinhos. Como traz Bortoni-Ricardo (2005), “os indivíduos que conseguem engajar-se no processo de mobilização social, já por outro lado, contraem redes mais esparsas estão mais abertos à influência das pressões padronizadoras da cultura dominante, inclusive da língua padrão”.

É seguindo esse raciocínio que buscamos analisar os jovens da comunidade São Domingos, onde há variedade linguística muito evidente por causa da mistura cultural de origens indígenas e quilombolas. É nessa perspectiva que buscamos findar esse trabalho tão complexo que são as variedades linguísticas ainda desconhecidas e desvalorizadas por serem consideradas “erradas”, ao olhar de uma elite de falantes mais letrados.

CAPÍTULO IV- ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresenta-se a análise de dados coletadas através de 16 questões, realizadas com 5 jovens, 4 professoras e 4 pessoas mais velhas da comunidade São Domingos, localizada no Município de Cavalcante-Goiás. O objetivo é desmistificar o preconceito sofrido por esses jovens ao virem estudar na escola urbana, a visão das professoras e o vernáculo presente no linguajar das pessoas mais velhas assim como a origem da comunidade São Domingos.

No primeiro momento, fizemos o registro e a discussão da variedade falada pelos colaboradores dialogando com Bagno e Bortoni-Ricardo, em seguida, nessa perspectiva, discutimos e fazemos uma analogia do preconceito linguístico no contexto urbano. E finalizamos dialogando com as vozes docentes do Colégio Elias

Jorge Cheim sobre as relações entre os alunos e suas identidades: reflexões e propostas para a sala de aula.

4.1- Registro e discussões sobre a variedade linguística da Comunidade de São Domingos

Como já foi trago em outros trechos e ainda conforme Bagno (2007), as variações linguísticas se classificam em dialeto que é o uso característico do modo de falar de um determinado lugar ou região, o cronoleto que é uma variedade própria determinada pela faixa etária, idade ou uma geração de falantes, como os jovens, por exemplo, e o socioleto cada classe tem o seu jeito de falar, tendo como característica as classes socioeconômica, nível cultural e profissional e já o idioleto caracteriza as pessoas através do seu modo individual de falar, sendo as suas preferências vocabulares, e tudo acabam ocasionando assim o preconceito linguístico.

Bortoni-Ricardo (2005), traz a discussão acerca da migração rural-urbana, em que esse crescimento populacional é formado pelo campesinato e pelos migrantes de origem rural que acabam indo para as cidades em busca de uma melhor condição de vida e por lá permanecem. E muitas vezes essas pessoas mesmo se relacionando socialmente com diferentes grupos, acabam ocasionando o preconceito linguístico, uma vez que trazem arraigado no seu vernáculo a cultura local e temporal.

4.2 Apreciação dos dados

1- Quando você mudou de escola sentiu alguma diferença em relação aos alunos e professores na forma deles falarem em relação à sua? Por quê?

G.P.1- Sim, apesar de todos falarem a mesma linguagem... tinha medo.. medo de tá errada.. e por isso fica mais afastada.. mais afastada deles.(22 anos).

M.P.2- Não...porque todos falavam a mesma língua, apesar de ser todos da mesma região. Vários deles eu já conhecia... já tinha convivido com bastante.. e a metade dos alunos que estudavam na minha sala são tudo da mesma região. (19 anos).

E.M.3- Sim, porque na maioria das vezes eu falava palavras diferentes ou que eu achava que estava errada em relação à deles. (15 anos).

V.G.4-Sim..pois aos alunos eu não conhecia e nem mesmo os professores, então eu achava que eles falavam certo. Na hora que os professores perguntavam... eu não falava por medo e ficava mais isolada achando que eu estava errada.(18 anos).

D.P.5-Eu senti que o pessoal reclama muito dos professor de lá de São Domingos e seja que os de cá da cidade são igual.. que os pessoal reclama muito dos professor de lá mais são igual. Eu vim pra cá e percebi que são igual.. na forma de ensinar. Assim mudou as matérias... que tem mais matéria pra gente estudar no que os de lá né..(29 anos).

Diante das respostas dadas pelos educandos nas entrevistas descritas acima e seguindo as teorias apresentadas por Bagno (2007), percebemos claramente as diversas formas de falar que caracterizam várias comunidades como a direcionada nessa pesquisa. Pois, isso ocorre devido aos diversos fatores sociais como o lugar de origem que é denominado como dialeto, a idade e o sexo sendo o cronoleto, a classe social e o grau de instrução referente ao socioleto e o idioleto que caracteriza essas pessoas no jeito de pronunciar.

Ao analisar as respostas dadas pelos educandos e também seguindo o raciocínio de Bortoni-Ricardo (2005), quando ela diz que

O ensino da língua culta á grande parcela da população que tem como língua materna, do lar e da vizinhança, as variedades populares da língua têm pelos menos duas consequências desastrosas. Uma vez que não são respeitadas as suas ascendências culturais e linguísticas, isso causa nos educandos um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão.

Ao analisar as respostas dadas pelos alunos, percebemos claramente a sua insegurança em se posicionarem, uma vez que se sentem excluídos ao chegarem a outro ambiente. Mesmo sendo da mesma região há um preconceito linguístico como destaca Bagno (2000), ao falar da importância do reconhecimento das normas linguísticas

O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüentemente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega á escola provenientes de ambiente sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não-padrão (BAGNO,2000).

Diante disso, percebemos a importância desse olhar atento como professores e pesquisadores para o contexto observado e trabalhado, uma vez que a predominância vernacular é muito rica, assim como os jovens analisados acima, que necessitaram sair da sua comunidade de origem em busca da continuação dos estudos e de uma expectativa de vida melhor. É extremamente importante essa atenção para as especificidades que cada um traz do seu contexto de origem, isso é, sem tentar impor o que é tradicionalmente dito como correto, desvalorizando assim a bagagem que trazem.

2- O que mudou na sua forma de falar?

G.P.1- Mudou muito..por que lá a gente estudava no ensino fundamental e então era bem diferente.. lá era só o básico. E quando chegou aqui foi o Ensino Médio já era bem mais avançado e também tinha mais opções de procurar numa bibliotecas..numa lanhouse.. em livros e jornais. (22 anos).

M.P.2- mudou na forma de....mudou na forma de estudar.. por que aqui a gente tem internet, tem biblioteca.. que a agente pode fazer uma pesquisa. Isso contribui com o desenvolvimento da.. mudou na forma do nosso aprendizado. (19 anos).

E.M.3-Com a mudança de escola eu senti que aprofundou mais nos conteúdos... onde posso também fazer pesquisas que ampliam mais meus conhecimentos e conseqüentemente a fala.

V.G.4- No meu modo de falar mudou muita coisa... o português mais bem pronunciado e também nas pesquisas.. por que até hoje lá não tem como se aprofundar no ensinamento. Aqui hoje temos a internet... jornal... revista etc...onde facilita o nosso aprendizado.(18 anos).

D.P.5-Assim mudou que as matérias que aumentou... inglês um monte de matéria que muda muito.(29 anos).

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), em toda comunidade de fala, há sempre variação linguística. Qualquer comunidade, mesmo que pequena, como um distrito, semi-rural pertencente a um município, ou grande, como uma capital, estado ou um país, sempre apresentará variação linguística.

De acordo com Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), as variações linguísticas decorrem de diversos fatores, sendo eles os grupos etários, os de gênero, status socioeconômicos, grau de escolaridade, mercado de trabalho e as redes sociais que são fatores determinantes que caracterizam os indivíduos que interagem por meio

desse domínio social, como podemos identificar nas falas descritas acima desses jovens.

Esses jovens vindos de uma comunidade ainda isolada tecnologicamente, ao se adentrarem em outro contexto, acabam utilizando esses meios e interagem normalmente em diversos aspectos sociais, ou seja, esse preconceito acaba sendo devido à interação física, tornando-se social, cultural e temporal.

Como já foi comparado nesses dados, o cronoletto conforme Bagno (2007) é determinado pela faixa etária de uma geração de falantes, já o socioletto designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes, como um grupo de professores o dialeto é o jeito característico dos falantes de um lugar, uma região. E o idioletto já caracteriza o jeito de falar das pessoas, isto é através do seu modo de pronunciar as palavras e os vocabulares.

Isso indica, também em conformidade com Bortoni-Ricardo (2004), as questões sociais em que esses sujeitos são expostos e dialogam por meio dos artifícios tecnológicos sem sofrerem qualquer tipo de preconceito, uma vez que não estão expostos fisicamente. E já tendo esse contato, acabam sendo estereotipados socialmente pelos aspectos econômicos, culturais e dialetais que trazem arraigadas da sua cultura histórica e desprestigiadas.

3- Sofreu algum preconceito? E como era?

G.P.1- Sim, por que lá sempre tinha algumas piadinhas por eu ser de uma comunidade mais afastada... a mesma que localiza a 60 km.. e por não ter recursos.. tipo como energia.. internet....Tipo assim.. porque.. no sotaque no jeito de falar e também por causa dos mais velhos que antes tinha a linguagem diferente ai eles falavam que só podiam ser de São Domingos mesmos. (22 anos)

M.P.2- Sim... por causa de ser da comunidade mais afastada e da forma de se expressar... ficou com piadinha...os caras sempre gostam de fazer piadinha com a...fazer chacota da pessoa...sofri muito quessas chacotas. (19 anos).

E.M.3- Não...não sofri indiretamente...mas como sempre chegamos tímidos sempre tinha alguém que gostava de fazer palhaçadas... Na maioria das vezes quando estava apresentando trabalho só.... Ficavam rindo.(15 anos).

V.G.4-Sim..no meu modo de falar e também de vestir.. como vim de uma comunidade de difícil acesso e ao chegarmos aqui na outra realidade onde abandonamos a nossa cultura e os nossos costumes... Sim... tenho sim.. uma vez

uma menina chegou em mim e perguntou se eu tinha só uma roupa só para vir pro colégio.. então eu fiquei muito triste com isso e não sabia nem o que falar pra ela.(18 anos).

D.P.5-A gente sente mais vergonha né... que a gente.. no povoado da gente onde a que gente cresceu, criou, cresceu a gente sente mais liberdade aqui é uma cidade que a gente vem só de passeio.. a gente sente preconceito com essa mudança.. muda muito e ai a gente sente vergonha.(29 anos).

Para analisarmos essas questões descritas, partimos do pressuposto de Bortoni-Ricardo (2004), em relação ao continuo de urbanização delineando os falares rurais mais isolados dos falares urbanos que, ao longo do processo sócio histórico, sofreu influência de codificação linguística, como a definição do padrão correto da escrita, da ortografia, o padrão correto da pronúncia e a ortoépia da composição de dicionários e gramáticas.

Com isso, a população rural com os seus falares, ficava cada vez mais isolados devido à dificuldade de acesso, pela falta de meios de comunicação, em que as comunidades urbanas diante dessa facilidade desse contato por meio das agências padronizadoras da língua, com a imprensa, obras literárias e as escolas acabam sendo mais dominadas.

Analisando as falas desses jovens, percebemos a ruptura pela qual se encontram essas variedades linguísticas, em que formam o grupo vindo da zona rural, formando assim a zona rurbana que, apesar dessa migração, ainda preserva muito dos seus antecedentes culturais no seu repertório linguístico, mesmo estando submetidos às influências ocasionadas pela mídia.

Concordamos plenamente com Bagno (2000), quando ele fala que o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, ao conflito entre a língua e a gramática normativa, e que a cada dia que passa vem sendo sustentado pela mídia, em programas e novelas, que incentivam esses estereótipos somente com o intuito de seguir padrões pré-estabelecidos pela indústria cultural.

O que acontecem com esses jovens oriundos das comunidades rurais, por serem do contexto rural, que são caracterizados como roceiros e que não podem dominar as normas ditas e estabelecidas como “corretas”, não que seja desnecessário saber dominá-las, pois tudo que fazemos temos que saber distingui-las, isso não significa que não podemos trabalhar com a variedade vernacular que cada um traz, ou seja, a sua língua materna.

4- Como você avalia essa experiência desse afastamento da sua comunidade para vir para a cidade estudar?

G.P.1- Eu avalio como ponto positivo que saindo de lá em procura de um futuro melhor e para não parar de estudar e ter uma profissão mais digna, um trabalho e fazer uma faculdade também né. E tem um ponto negativo que saindo de lá deixando a família, os amigos e tudo que a gente construiu lá em procura de futuro melhor... mais por não ter essa escola lá e somos obrigados a sair de lá para vir pra cá. (22 anos).

M.P.2- Eu avalio como uma forma de desenvolvimento de aprendizado para o futuro e o conhecimento... porém a o lado... além da oportunidade de.. nos estudos, ao trabalho e arranjar um emprego. Que lá o emprego é meio complicado né... é mais difícil e aqui eu só mais de boa... aqui a gente pode ter uma profissão. E o lado negativo de ter saído da nossa comunidade foi ficar longe da família... fica longe da nossa cultura... nossos costumes... porque lá agente se veste de um jeito... fala de um jeito e aqui a gente já chega e o pessoal fala qualquer coisa já fica chacotando da pessoa. (19 anos).

E.M.3- Por um lado pude aprofundar mais nos meus conhecimentos não parando de estudar e buscando uma formação e uma profissão. E já tendo um lado negativo que deixei a minha família na comunidade em busca da realização dos meus sonhos. (15 anos).

V.G.4-Eu posso dizer se eu não viesse para a cidade não teria como terminar os estudos... uma vez que na comunidade só tem até o 9º ano e para continuar a estudar tinha que vir para a cidade. E por outro lado seria muito difícil e ruim por estar deixando a minha família e os amigos para ir atrás de progresso buscando uma formação. (18 anos).

D.P.5-Eu cresci... eu nasci e cresci e sempre morando junto com os pais.. ai depois que agente ficou de maior.. a gente arrumou família ai teve que procurar serviço e lá muito parado não tem quase emprego ai a gente teve que vir para a cidade pra caçar, manter a família, trabalhar pra manter a família, que realmente também eu vim para estudar.. que lá sem emprego e.. ai não dá por causa que a gente tem a gente tem que cuidar da família e a gente teve que vim para a cidade, caçar emprego e estudar. Por que lá em São Domingos a gente tem o estudo mais não tem o trabalho que a gente pode trabalhar para manter a família a gente teve que vim para a cidade...

por que aqui a tem mais outra opção pra gente viver. Outro ponto negativo que eu achei também... é a rente cresceu lá dentro do povoado São Domingos e a rente teve que mudar pra cidade por falta de emprego que o ponto que a rente larga a casa, tudo lá, larga mãe, pai, a nossa família, a rente tem que vim pra cidade por causa do trabalho... a rente acaba largando tudo pra trais... larga a cultura tudo pra trais. (29 anos).

Bagno (2007) chama a nossa atenção para conscientizarmos acerca dos estereótipos da língua em que não devemos desprezar e nem julgar por classe social, ou seja, não significa que uma pessoa de baixa renda fale mais errado do que uma pessoa rica, ou simplesmente por que moram em um subúrbio ou zona rural.

Para analisar as falas desses jovens, seguimos a pressuposição de Bortoni-Ricardo (2005), quando diz que a população que mais cresce se origina do campesinato e os migrantes de origem rural estão em busca de melhores condições de vidas nas cidades e acabam por lá permanecendo. E perceptível isso nas falas desses jovens que acabam tendo que deixar as suas famílias e ir nessa mesma perspectiva, mas isso não significa que deixam de reconhecer as suas origens, assim como a importância da sua cultura.

E como esses jovens afirmam, a Comunidade não oferece perspectiva alguma em diversos aspectos, a começar pelos estudos em que só tem até o 9º ano, e se quiserem continuar estudando têm que se deslocar para a cidade de Cavalcante como já foi dito. E seguindo essa linha não tem emprego que garanta essa relação entre serviço e estudo, e por isso esses jovens tiveram que deixar as suas famílias para sair em busca de melhorias e a continuação dos seus sonhos.

4.3 As relações entre preconceito linguístico e urbano

Como diz Bagno (2007) em relação ao tratamento das variedades estigmatizadas em sala de aula, enquanto professores devemos prestar muita atenção ao que acontece no espaço pedagógico em termos de discriminações, desrespeitos, humilhações e exclusões por meio da linguagem, ou seja, é inaceitável que ainda continuem as atitudes preconceituosas e humilhantes sendo justificadas pelo modo de falar de algumas pessoas.

Para falar e analisar os educandos oriundos da Comunidade rural São Domingos, não podemos deixar de contextualizar a cidade de Cavalcante, pois as

comunidades dependem totalmente dela, tudo gira em torno dela. A cidade é composta por uma população miscigenada de origens Kalunga, indígenas e quase todas são raízes camponesas, num percentual de 90%.

A população focada nessa pesquisa para análise e comprovação de dados, encontra-se em meio a essa emaranhada conjuntura. E com isso apesar de terem essa ligação, ainda acabam sofrendo essa exclusão.

E como já foi dito e traz Bortoni-Ricardo (2004), ao conceituar o rural, sendo a origem rural e urbana que se constituem de fato, como uma regra gramatical perfeitamente compreendida pela linguística moderna. Através disso, vemos a importância da escola e nós como educadores, levarmos aos educandos a apoderarem-se dessas regras, no intuito de enriquecer o seu repertório linguístico, não desvalorizando a sua própria variedade linguística adquirida nas relações sociais dentro da sua comunidade, ou seja, a sua língua materna.

Segundo Bagno (2000), o preconceito vêm sendo alimentado a cada dia pela mídia, livros, gramática normativa, livros didáticos e manuais que esperam ensinar, e acabam pré-estabelecendo o que é “certo” e o que é “errado”, e esses preconceitos, tanto linguístico quanto social e cultural acabam sendo resultado da ignorância, da tolerância e da manipulação ideológica.

As comunidades rurais que não são acessíveis aos meios tecnológicos e são de difícil acesso, acabam sendo desvalorizadas e desprestigiadas social e culturalmente. Como mostra Bagno (2007), vemos no contexto pesquisado vários processos de exclusão seja da língua, da sociedade, entre outras, e na medida em que vão respondendo as questões os jovens deixam isso muito claro.

4.4- As vozes docentes do Colégio Elias Jorge Cheim sobre as relações entre os alunos e suas identidades: reflexões e propostas para sala de aula

Conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 23), os falantes usam esses recursos de variação da língua para enfatizar a sua identidade, alternando-os com traços equivalentes da norma-padrão quando as circunstâncias o exigem. Essas pessoas são ligadas por laços de parentesco e vizinhança, tendo assim uma intensa interação social e uma forte tendência à preservação desse vernáculo.

E como vemos que os educandos ao adentrarem em outros contextos estão sujeitos à influência da padronização da cultura dominante, principalmente da língua

padrão, mesmo assim ainda preservam o vernáculo que está arraigado na sua cultura historicamente e temporal. Ao mesmo tempo isso não os impedem de aprenderem a dominar o que tradicionalmente é imposta como a correta.

De acordo com Sá (2010), o processo de desterritorialização, ou seja, a ruptura dessas relações sócio históricas e culturais é esse deslocamento forçado pela necessidade de continuar os seus estudos e fazendo com que esses jovens se distanciem do seu contexto de origem. Isso ocorre devido ao avanço do capitalismo, sobre as terras dos povos tradicionais no campo, sendo na diversidade de situações indígenas, quilombolas e camponesas, causando assim, a perda do acesso aos meios de produção, das suas referências culturais e até mesmo do modo de vida.

Podemos ver em alguns trechos das entrevistas realizadas com professores (as), que muitos deles já estão com esse olhar atento em relação aos educandos oriundos das comunidades rurais, como afirmam ao serem perguntadas sobre: quais são as estratégias que usam para ensinar a norma “cultura”, respeitando a norma que os alunos trazem?

M.B.B- A base de tudo são as informações, outra coisa que prezo bastante e que as palavras diferentes que eles trazem no vocabulário são permanecidas elas não precisam se ocultar porem permanecer trazendo em si seus verdadeiros significados para serem bem empregados no seu cotidiano sem preconceito, pois todos de Cavalcante são de zona rural não devemos criticar, mas sim trocar conhecimentos, que sem sombra duvidas são imensos, quanto rural e urbano.

G.G.S- Bastante diálogo, muitas leituras coletivas, argumentos de que a norma culta será fundamental para o seu crescimento profissional, comparações e valorização da bagagem trazida pelo alunado, sugestões de variadas leituras.

M.C.F- Leitura oral.

- Incentivo usando o conhecimento do aluno e principalmente respeitando o aprendizado desse aluno, mesmo que seja pouco, pois todos trazem algo bem valioso em sua bagagem.

G.G- [...] usando textos que apresentam as variedades linguísticas e comparando com as deles próprias, de forma em que eles não se sintam discriminados e sim valorizados, por carregar na sua cultura uma maneira diferente de falarem e interagirem com outros grupos sociais, que falam ou que aproximem da linguagem culta/ padrão.

E perceptível que já trabalham levando em considerações os diversos vernáculos presentes no contexto e a partir dele incentivando a preservação e valorizar também a cultura local. É importante preservar os saberes sociolinguísticos e como já foi dito, também os valores culturais que o aluno já traz do seu ambiente social, ou seja, a sua língua materna, isto é, protegendo e dando o direito para que, o educando preserve a sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana.

Outro ponto importante que ressalta Bagno (2007), é que devemos estar atento aos Livros Didáticos que trazem o conceito de análise de variação linguística, dando a entender que há “erro” quanto ao uso da língua, implícita também como “engraçada” e muitas vezes até “pitoresca”.

Este é um dos preconceitos em relação a algumas variedades linguísticas que muitas vezes são estereotipadas, por serem as rurais frente às urbanas, as dos homens frente às das mulheres, as das classes sociais privilegiadas frente às das classes desfavorecidas e entre outras. Podemos fazer análises e críticas, para que o nosso trabalho realizado nas escolas não reproduza os mesmos estereótipos e as mesmas discriminações que vigoram na sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi dito esse trabalho traz uma abordagem acerca da estigmatização linguística, tendo o objetivo de analisar como ela é trabalhada na sala de aula, e para isso foi escolhida a comunidade de inserção que é a cidade de Cavalcante-Goías, com alunos que vieram da comunidade São Domingos. Ele tem como objetivo específico investigar a variedade linguística da comunidade São Domingos, por meio da fala de alguns jovens e a estigmatização da linguagem desses jovens quando chegam à escola urbana, para identificar também as dificuldades que essa estigmatização causa na sua vivência na escola.

Para essa percepção além dos embasamentos teóricos foram realizadas entrevistas, em que esses dados deram embasamentos para o reconhecimento da origem cultural, temporal e social dessa comunidade através das pessoas mais velhas e com os jovens que sofrem com o arraigamento de suas raízes ao saírem em busca de uma perspectiva de melhorias em centros urbanos. Isso é importante para que os professores percebam como trabalhar com essa multiplicidade linguística no contexto em que atuam.

Percebemos o sofrimento desses jovens ao adentrarem em outro contexto, que não seja o de origem, apesar desse trabalho ter o objetivo de contribuir, fazendo com

que as pessoas e principalmente os educadores voltem seus olhares para a metodologia, a forma que trabalham com a norma padrão e suas variações sociolinguísticas.

Vale ressaltar que muitos deles já trabalham nesta perceptiva, levando em consideração os diversos vernáculos tão presentes na nossa sociedade e a partir dele incentivando a preservação do vernáculo e valorizando também a cultura local.

E concordamos com Bagno (2007), quando ele diz , que o compromisso do educador é, antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão tanto da linguagem quanto ao uso crítico da língua. Isso até porque elas são indissociáveis em qualquer processo individual e coletivo de nossa vida social.

Esses jovens oriundos das comunidades rurais, são caracterizados como roceiros e que não podem dominar as normas ditas e estabelecidas como “corretas”, não que seja desnecessário saber dominá-las, mas isso não significa que não podemos trabalhar com a variedade vernacular que cada um traz.

Espera-se que esse trabalho contribua não somente no meio acadêmico acerca da abordagem das variações linguísticas que ele traz, mas que também possa contribuir como apoio para produção de material didático para a Escola Estadual Elias Jorge Cheim, assim como a Comunidade São Domingos, e as demais escolas do campo. Com isso, ampliaremos esse campo e romperemos com os diversos estereótipos existentes e excludentes da nossa língua.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na Língua é Por Acaso: Por uma Pedagogia da variação Linguística*- São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz* – São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. *A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística*- São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo Ed.Pubfolha, 2010.
- _____, *Língua Materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo, Ed. Parábola, 2002.
- ANTUNES, Irandé. *Muito Além da gramática: Por um Ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo, 2005.
- SACCONI, Luiz Antônio. *Novíssima gramática ilustrada Sacconi*. São Paulo, 24ª edição revista, Ed. Nova Geração, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira desatando alguns nós*. São Paulo, Ed. Parábola, 2008.

GONSALVES, Eliza Pereira. Conversas sobre iniciação científica. Campinas- SP, Editora Alínea, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____, Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

QUEIROZ, João Batista de. Construção das Escolas famílias agrícolas no Brasil. Ensino Médio e Educação profissional. Brasília-DF. UnB, 2004. 210. F.(Tese Doutorado) Universidade de Brasília.

Colégio Estadual Elias Jorge Cheim. Projeto Político Pedagógico. 2009.

Licenciatura em Educação do Campo. Projeto Político- Pedagógico do Curso. 2009.

CALDART, Roseli Salete. (Org) *Dicionário da Educação do Campo*. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ed. Expressão Popular, 2012.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Israel José; MOLINA, Monica Castagna. (orgs.) Por uma Educação Básica do Campo. V.1. 3ª Ed. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

SÁ, Laís Mourão. Terra, Território, Territorialidade no modo de vida e na Identidade Cultural Camponesa. Fundação Universidade de Brasília. 2010.

APÊNDICE

Essas perguntas norteiam a pesquisa direcionada aos educandos entrevistados.

Anexo questionário

1- De qual escola você está vindo?

2- Quando você mudou de escola sentiu alguma diferença em relação aos alunos e professores na forma deles falarem em relação à sua? Por quê?

3- O que mudou na sua forma de falar?

4- Sofreu algum preconceito?

5- Como você avalia essa experiência desse afastamento da sua comunidade para vir para a cidade estudar?

Essas perguntas norteiam a pesquisa direcionada aos professores entrevistados.

Anexo questionário

1- Os alunos vindos das diferentes comunidades rurais apresentam dificuldades em relação à variedade linguística da escola, tanto na escrita quanto na fala?

2- Quais as comunidades que mais apresentam dificuldades na linguagem?

3- E esses alunos têm o domínio da norma “dita padrão, principalmente a escrita”?

4- Quais são as estratégias que vocês usam para ensinar a norma “cultura”, respeitando a norma que eles trazem?

Essas perguntas norteiam à pesquisa direcionada às pessoas mais velhas da comunidade São Domingos.

Anexo questionário

1- Como surgiu a comunidade?

2- O que o senhor (a) sabe sobre a origem da comunidade?

3- O senhor (a) nasceu aqui mesmo? De onde veio?

4- Como que era a educação na época? Frequentavam a escola?

5- O que plantavam e como plantavam? Mantêm o mesmo jeito até hoje?

6- Qual era o meio de comunicação e transporte no início? E agora?

7- Quais eram as manifestações culturais da época? E quais são as que ainda prevalecem?

ENTREVISTAS ALUNOS

ENTREVISTA 01

Eu sou G. P. C., tenho 22 anos e venho da Comunidade São Domingos.

1- De qual escola você está vindo?

-Estou vindo da Escola Municipal Vereador Anedino de Deus Coutinho..que apesar de ser uma Escola Municipal ela tem até o 9º ano.

2- Quando você mudou de escola sentiu alguma diferença em relação aos alunos e professores na forma deles falarem em relação à sua? Por quê?

-Sim, apesar de todos falarem a mesma linguagem..tinha medo.. medo de tá errada.. e por isso fica mais afastada.. mais afastada deles.

3- Você sentiu discriminada? Por que você se isolava ou se sentia isolada?

-... Eu me isolava por falta de vergonha... de não sentar junto com os alunos eu fica mais afastada.

4- O que mudou na sua forma de falar?

- Mudou muito..por que lá a gente estudava no ensino fundamental e então era bem diferente.. lá era só o básico. E quando chegou aqui foi o Ensino Médio já era bem mais avançado e também tinha mais opções de procurar numa bibliotecas..numalanhause.. em livros e jornais.

5- Você sentiu mais facilidade então?

-Muito mais.

6- E deu para aprender?

- Deu bastante a gente aprende muito mais.

7- Sofreu algum preconceito?

- Sim, por que lá sempre tinha algumas piadinhas por eu ser de uma comunidade mais afastada..a mesma que localiza a 60 km.. e por não ter recursos.. tipo como energia.. internet.

8- E essas piadinhas você pode falar algumas? Como que eram?

- Tipo assim..porque.. no sotaque no jeito de falar e também por causa dos mais velhos que antes tinha a linguagem diferente ai eles falavam que só podiam ser de São Domingos mesmos.

9- Como você avalia essa experiência desse afastamento da sua comunidade para vir para a cidade estudar?

- Eu avalio como ponto positivo que saindo de lá em procura de um futuro melhor e para não parar de estudar e ter uma profissão mais digna, um trabalho e fazer uma faculdade também né. E tem um ponto negativo que saindo de lá deixando á família, os amigos e tudo que a gente construiu lá em procura de futuro melhor..mais por não ter essa escola lá e somos obrigados a sair de lá para vir pra cá.

ENTREVISTA 02

- Meu nome é M. P. C., vim da comunidade São Domingos e tenho 19 anos.

1- De qual escola você esta vindo?

- Estou vindo do Colégio Municipal Vereador Anedino de Deus Coutinho..que é Extensão Estadual Elias Jorge Cheim.

2- Quando você mudou de escola sentiu alguma diferença em relação aos alunos e professores na forma deles falarem em relação à sua? Por quê?

- Não..porque todos falavam a mesma língua, apesar de ser todos da mesma região.

3- E você os conhecia? os alunos e professores?

- Vários deles eu já conhecia, já tinha convivido com bastante... e a metade dos alunos que estudavam na minha sala são tudo da mesma região.

4- O que mudou na sua forma de falar?

- mudou na forma de....mudou na forma de estudar.. por que aqui a gente tem internet, tem biblioteca.. que a agente pode fazer uma pesquisa. Isso contribui com o desenvolvimento da.. mudou na forma do nosso aprendizado.

5- Sofreu algum preconceito?

- Sim... por causa de ser da comunidade mais afastada e da forma de se expressar.

6- Você pode especificar o que eles falavam?

- ficou com piadinha... os caras sempre gostam de fazer piadinha com a.. fazer chacota da pessoa.. sofri muito quessas chacotas.

7- Como você avalia essa experiência desse afastamento da sua comunidade para vir para a cidade estudar?

- Eu avalio como uma forma de desenvolvimento de aprendizado para o futuro e o conhecimento... porém a o lado.. além da oportunidade de.. nos estudos, ao trabalho e arranjar um emprego. Que lá o emprego é meio complicado né... é mais difícil e aqui eu só mais de boa.. aqui a gente pode ter uma profissão. E o lado negativo de ter saído da nossa comunidade foi ficar longe da família... fica longe da nossa cultura.. nossos costumes.. porque lá agente se veste de um jeito.. fala de um jeito e aqui a gente já chega e o pessoal fala qualquer coisa já fica chacotando da pessoa.

ENTREVISTA 03

E.G.S.

- Meu nome é E. G. S., tenho 15 anos e sou da comunidade São Domingos.

1- De qual escola você está vindo?

- Escola Municipal Vereador Anedino de Deus Coutinho, Extensão Estadual Elias Jorge Cheim da Comunidade São Domingos.

2- Quando você mudou de escola sentiu alguma diferença em relação aos alunos e professores na forma deles falarem em relação à sua? Por quê?

- Sim, porque na maioria das vezes eu falava palavras diferentes ou que eu achava que estava errada em relação à deles.

3- Lembra de algum exemplo?

- Não

4- O que mudou na sua forma de falar?

- Com a mudança de escola eu senti que aprofundou mais nos conteúdos... onde posso também fazer pesquisas que ampliam mais meus conhecimentos e conseqüentemente a fala.

5- Sofreu algum preconceito?

- Não... não sofri indiretamente.. mas como sempre chegamos tímidos sempre tinha alguém que gostava de fazer palhaçadas.

6- Você se lembra de alguma piadinha que eles soltavam, alguma coisa que eles falavam?

- Na maioria das vezes quando estava apresentando trabalho só.

7- Eles falavam o que?

- Ficavam rindo.

8- Como você avalia essa experiência desse afastamento da sua comunidade para vir para a cidade estudar?

- Por um lado pude aprofundar mais nos meus conhecimentos não parando de estudar e buscando uma formação e uma profissão. E já tendo um lado negativo que deixei a minha família na comunidade em busca da realização dos meus sonhos.

ENTREVISTA 04

V.G.S.

- Eu me chamo V. G. S., tenho 18 anos e vim da comunidade São Domingos.

1- De qual escola você está vindo?

- Escola Vereador Anedino de Deus Coutinho Extensão do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim.

2- Quando você mudou de escola sentiu alguma diferença em relação aos alunos e professores na forma deles falarem em relação à sua? Por quê?

- Sim... pois aos alunos eu não conhecia e nem mesmo os professores, então eu achava que eles falavam certo. Na hora que os professores perguntavam... eu não falava por medo e ficava mais isolada achando que eu estava errada.

3- O que mudou na sua forma de falar?

- No meu modo de falar mudou muita coisa... o português mais bem pronunciado e também nas pesquisas.. por que até hoje lá não tem como se aprofundar no ensinamento. Aqui hoje temos a internet... jornal.. revista etc...onde facilita o nosso aprendizado.

4- Sofreu algum preconceito?

- Sim... no meu modo de falar e também de vestir.. como vim de uma comunidade de difícil acesso e ao chegarmos aqui na outra realidade onde abandonamos a nossa cultura e os nossos costumes.

5- Mais você ouviu piadinha, sempre tinha alguma coisa?

- Sim... tenho sim.. uma vez uma menina chegou em mim e perguntou se eu tinha só uma roupa só para vir pro colégio.. então eu fiquei muito triste com isso e não sabia nem o que falar pra ela.

6- Como você avalia essa experiência desse afastamento da sua comunidade para vir para a cidade estudar?

- Eu posso dizer se eu não viesse para a cidade não teria como terminar os estudos... uma vez que na comunidade só tem até o 9º ano e para continuar a estudar tinha que vir para a cidade. E por outro lado seria muito difícil e ruim por estar deixando a minha família e os amigos para ir atrás de progresso buscando uma formação.

ENTREVISTA 05

D.P.C.F.

- Eu D. P. C. F., tenho 29 anos e vim de São Domingos.

1- De qual escola você está vindo?

- Escola Municipal Vereador Anedino de Deus Coutinho que é Extensão do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim na Comunidade São Domingos.

2- Quando você mudou de escola sentiu alguma diferença em relação aos alunos e professores na forma deles falarem em relação à sua? Por quê?

- Eu senti que o pessoal reclama muito dos professor de lá de São Domingos e seja que os de cá da cidade são igual.. que os pessoal reclama muito dos professor de lá mais são igual. Eu vim pra cá e percebi que são igual.. na forma de ensinar. Assim mudou as matérias... que tem mais matéria pra gente estudar no que os de lá né.

3- O que mudou na sua forma de falar?

- Assim mudou que as matérias que aumentou... inglês um monte de matéria que muda muito.

4- Sofreu algum preconceito?

- A gente sente mais vergonha né... que a gente.. no povoado da gente onde a gente cresceu, criou, cresceu a gente sente mais liberdade aqui é uma cidade que a gente vem só de passeio.. a gente sente preconceito com essa mudança.. muda muito e aí a gente sente vergonha.

5- Como você avalia essa experiência desse afastamento da sua comunidade para vir para a cidade estudar?

- Eu cresci... eu nasci e cresci e sempre morando junto com os pais.. aí depois que agente ficou de maior.. a gente arrumou família aí teve que procurar serviço e lá muito parado não tem quase emprego aí a gente teve que vir para a cidade pra caçar, manter a família, trabalhar pra manter a família, que realmente também eu vim para estudar.. que lá sem emprego e.. aí não dá por causa que a gente tem a gente tem que cuidar da família e a gente teve que vim para a cidade, caçar emprego e estudar. Por que lá em São Domingos a gente tem o estudo mais não tem o trabalho que a gente pode trabalhar para manter a família a gente teve que vim para a cidade... por que aqui a gente tem mais outra opção pra gente viver. Outro ponto negativo que eu achei também... é a gente cresceu lá dentro do povoado São Domingos e a gente teve que mudar pra cidade por falta de emprego que o ponto que a gente larga a casa, tudo lá, larga mãe, pai, a nossa família, a gente tem que vim pra cidade por causa do trabalho... a gente acaba largando tudo pra trás.. larga a cultura tudo pra trás.

ANEXO QUESTIONÁRIO ENTREVISTAS PROFESSORES

ENTREVISTA 01

M. B. B.

- 1- Os alunos vindos das diferentes comunidades rurais apresentam dificuldades em relação à variedade linguística da escola, tanto na escrita quanto na fala?

Por curto período de convivência com os mesmos, fica nítido a dificuldades dos estudantes oriundos de zona rural dificuldades na escrita, pois da forma que falam escrevem, a fala as vezes torna-se dificultosa devidos alguns vocábulos bem diferentes antigos principalmente das comunidades Kalunga onde trazem um fator identitário diferenciado. A falta de formação acadêmica dos educadores contribuem enormemente com essa questão.

- 2- Quais as comunidades que mais apresentam dificuldades na linguagem?
Comunidades Kalunga em geral.

- 3- E esses alunos têm o domínio da norma “dita padrão, principalmente a escrita”?

Não. As dificuldades na escrita é maior, pois uma vez sendo avaliado um trabalho qualquer fica visivelmente os erros de s pelo z, e entre outras. A concordância verbal.

- 4- Quais são as estratégias que vocês usam para ensinar a norma “cultura”, respeitando a norma que eles trazem?

A base de tudo são as informações, outra coisa que prezo bastante e que as palavras diferentes que eles trazem no vocabulário são permanecidas elas não precisam se ocultar porem permanecer trazendo em si seus verdadeiros significados para serem bem empregados no seu cotidiano sem preconceito, pois todos de

Cavalcante são de zona rural não devemos criticar, mas sim trocar conhecimentos, que sem sombra duvidas são imensos, quanto rural e urbano.

ENTREVISTA 02

G. G. S.

1- Os alunos vindos das diferentes comunidades rurais apresentam dificuldades em relação à variedade linguística da escola, tanto na escrita quanto na fala?

Sim, a maioria são alunos bastante retraídos, que se recusam a participar de leituras coletivas e os erros gramaticais são em índice bastante elevado.

2- Quais as comunidades que mais apresentam dificuldades na linguagem?

Seria antiético da minha parte citar esta ou aquela comunidade. Essas falhas acontecem de forma bastante generalizada.

3- E esses alunos têm o domínio da norma “dita padrão, principalmente a escrita”?

Não, me parece que o regionalismo predomina.

4- Quais são as estratégias que vocês usam para ensinar a norma “cultura”, respeitando a norma que eles trazem?

Bastante diálogo, muitas leituras coletivas, argumentos de que a norma culta será fundamental para o seu crescimento profissional, comparações e valorização da bagagem trazida pelo alunado, sugestões de variadas leituras.

ENTREVISTA 03

G. G.

1- Os alunos vindos das diferentes comunidades rurais apresentam dificuldades em relação à variedade linguística da escola, tanto na escrita quanto na fala?

Sim, eles têm muitas dificuldades em fazer uso da língua padrão, porque para eles é um desafio muito grande. Pois eles pensam que essa linguagem é muito difícil de pronunciar e de escrever, além de contextualizar.

2- Quais as comunidades que mais apresentam dificuldades na linguagem?

Aparentemente todas, embora, que cada uma delas apresenta uma variedade diferente, acompanhada com uma pronúncia e um sotaque próprio.

3- E esses alunos têm o domínio da norma “dita padrão, principalmente a escrita”?

Imediatamente não, mas com o passar do tempo eles vão acostumando e fazendo uso, a partir de muita leitura, diálogos, produções de textos e realização de atividades diversas envolvendo as variedades linguísticas, fazendo comparações com as deles próprias, usando como exemplo, sem constrangê-los, é claro.

4- Quais são as estratégias que vocês usam para ensinar a norma “cultura”, respeitando a norma que eles trazem?

Como foi dito na questão anterior, usando textos que apresentam as variedades linguísticas e comparando com as deles próprias, de forma em que eles não se sintam discriminados e sim valorizados, por carregar na sua cultura uma maneira diferente de falarem e interagirem com outros grupos sociais, que falam ou que aproximem da linguagem culta/ padrão.

ENTREVISTA 04

M. C. F.

1- Os alunos vindos das diferentes comunidades rurais apresentam dificuldades em relação à variedade linguística da escola, tanto na escrita quanto na fala?

Nem sempre. Hoje os alunos vindos das comunidades rurais podem concorrer de igual para igual com qualquer aluno da zona urbana. São depende do interesse, pois as oportunidades hoje são as mesmas, para todos os professores.

2- Quais as comunidades que mais apresentam dificuldades na linguagem?

Não gostaria de enumerar comunidades com maiores dificuldades, penso que o peso maior fica com as comunidades com professores sem nenhum preparo para uma sala de aula, esse fator é o grande diferencial para as grandes dificuldades na linguagem dos nossos educandos.

3- E esses alunos têm o domínio da norma “dita padrão, principalmente a escrita”?

Não. Na maioria das vezes esses alunos de professores sem nenhuma formação, chegam praticamente analfabetos e o que é pior em uma série bem avançada, o que dificulta mais ainda a aprendizagem.

4- Quais são as estratégias que vocês usam para ensinar a norma “cultura”, respeitando a norma que eles trazem?

- Leitura oral.

- Incentivo usando o conhecimento do aluno e principalmente respeitando o aprendizado desse aluno, mesmo que seja pouco, pois todos trazem algo bem valioso em sua bagagem.

ENTREVISTAS PESSOAS MAIS VELHAS DA COMUNIDADE SÃO DOMINGOS.

ENTREVISTA 01

J. G.S, 80 anos

Tou com 80 anos, sou dá comunidade São Domingos,

1- Como surgiu à comunidade?

Para saber como surgiu...pois é esse negocio dos índios eu via falar.....que esse lugar lá por nome taperinha...que era a aldeia dos índios... que era onde eles morava...agora como foi que eles saíram daí que não sei.....mas eles falava que a moradia dos índios era lá nessa taperinha....esse ai que é como lá diz eu não conhecia nada.....é causo porque se surgiu, como foi.....era assim eles morava lá...agora depois é que eu não sei como foi que eles saíram.....agora sobre as coisas, as plantações de lá...eu não conhecia...via falar....

1- O que o senhor (a) sabe sobre a origem da comunidade?

Eu lembro que eles falavam que lá chamava era São Domingos de Cafelândia...muitas pessoas conhecia lá por esse nome...porque era café demais num é ...então tratava São Domingos de Cafelândia... mais isso foi naquele tempo....mais isso é o que eu via contar num é....era essas coisas... eu não conheci nada disso...a pedra de tirar fogo, que nesse tempo ninguém mexia com pedra, não tinha negocio de pedra de cristal não , ninguém sabia o que que era isso não é....eles só usavam esse pedra, essa tal de figo de galinha que o fogo era...você sabe o que é isqueiro? Isqueiro você sabe? Aquele negocio de chifru....essa pedra a gente usava fazia um esqueiro...ponta de chifru de vaca, cortava um pedaçozinho assim, botava tampa e enchia de algodão.....que num tinha fogo era coisa difícil..então enchia de algodão...arranjava um pedaço de ferro, fazia também tratava fuzil....as vezes quando num ia no ferreiro pra fazer, arranjava qualquer um toco de facão.....pedaço de ferro pa tira fogo, tirava nessa pedra..riscava bate e pega fogo na isca do algodão que ta no isqueiro....era assim, tirava fogo era assim.....então essa pedra as vezes precisava,

queria tirar essa pedra ia lá tirar...vai lá que ainda vê a certidão dos buracos lá...naquela taperinha tudo...tudo tinha essa pedra tratava figo de galinha...é a mesma coisa do figo da galinha, aquela cor...quando batia assim chega faiscava assim...é molinha pá dá fogo não é.....essa eles dizia que era dos índios....só podia ser mesmo..só tinha naquele lugar, mas outro lugar não tem aquele pedra....então eles falava que era os índios que tinha enterrado...dá pá entender que foi mesmo não é...por que poderia ter lá em qualquer lugar, mais não tem.....só nesse pedaço que tem essa pedra de figo de galinha.....

3- O senhor (a) nasceu aqui mesmo? De onde veio?

- Eu nasci lá mesmo.

4-Como que era a educação na época?Frequentavam a escola?

....Eu via falar que a escola que ixé.....tinha pessoas ativa não é....eu via eles falar que tinha uma home lá que era o mais ativo de lá de São Domingos....era, eles falavam até o nome desse professor que dava essa escola, mais eu não conheci...eu estudei mais foi depois....eu digo esses alunos mais veio como o vei Severo, outros mais veio...eu não conheci quem fosse o professor deles...agora dos mais novo eu conheci o Chiquinho Bandeira...que é desse povo Bandeira que tem aqui, esse home também deu escola lá mutio anos... mutios aprendeu qualquer tanto com esse home né, depois desse Chiquinho Bandeira ai passou sendo a mulher dele sendo dos mais novatos, agora daqueles tronco mais veio eu não conheci não....mais era assim.....eu estudei já foi na com a mãe desse João que vende tropa...a escola minha foi dessa muié....foi dessa muié...antes dessa muié eu não lembro quem dava escola lá....eu acho que foi a Linduco, a muié de Chico Bandeira..ela que dava escola...depois dessa Lindú é que foi a Manelita que deu escola...dai prá cá....depois da Manelita foi aparecendo de vez enquanto...mas a Manelita após entrou deu escola lá 25 anos....aposentou dando escola lá....foi muitos anos....

5- O que plantavam e como plantavam? Mantêm o mesmo jeito até hoje?

A plantação de lá era arrois, feijão, milho mandioca não é, essas que era as plantações que tinha lá....era difícil para plantar...era de inxada não era fácil não....plantava de inxada...rsrsr....mudou muito hoje...um home trabaiava um dia pra prantar um copo de arrois, mais tamem era dois três carroço...um home trabaiar um

dia todinho pra prantar um copo de arrois...quer dizer que eles tratava copo..quatro copo era um prato... numm falava negocio de lito não..era copo, dois copo era um lito e quatro era um prato...num era faci não bater um dia de sirviço pra prantar um copo de arrois num é....agora já o mii prantava mais quantia...um home bom de sirviço ele pranta todo dia um prato de mii por dia....que é a base de um home prantar um prato de mii.num é...era assim com essa dificuldade...num era faci não....esse negocio de prantadeira isso já foi de certo tempo prá cá...mais não tinha nada disso não era só na inxada...se quisesse era na inxada.....as vezes trabaiava num lugar que tinha muita pedra todo ano comprava uma inxada....quando vencia as águas a inxadatava acabada.....não é....tava acabada...

6- Qual era o meio de comunicação e transporte no inicio? E agora?

Não tinha nada de transporte não...era a cavalo mesmo....viajava a cavalo.....ouvia falar, quem é que conhicia nada...aquele povo mais veio via falar mais não chegou conhecer nada disso, eles só falava o que ia acontecer essas coisa tudo, ia aparecer isso tudo, mais muitio deles não conhecia nada, só os mais novo mesmu num é.....

7- Quais eram as manifestações culturais da época? E quais são as que ainda prevalecem?

As festas naquele tempo não era faci não menino...era difícil num é...todo ano eles fazia festa...tinha os festeiros, mais quando era tempo dessas festas eles privinia com tempo....o dono comprava porquinho para cevar, quando dava no tempo capadãotava lá gordo...festa de São João, São Sebastião...todo noveneiro..todos eles compravam porquim para cevar e fazer as novenas....fazia bolos...as novenas era duas pessoas num é...fazia muito bolo, um fazia, outro fazia, era um festão a noite toda só de café e bolo..dava bolo demais e um queria fazer mais que o outro fazia na carga, falava que buraca de bolo, as vezes era um juizo com uma júza, era um home com uma muier...então acontece que um morava longe do outro, e ai todo esse dia da novena tinha que fazer os encontro...não tinha nada de atirar tamem não, era coisa difiço...atirar com que não tinha nada...fazia povoa....atirava terra lá prádentro..um dia desses um home procurou como era isso aqui...eu falei não dou conta mais.....mais eu sei que era assim, tirava terra pra fazer salito, um tal de salitoque eles fazia....depois da povoa fazia aquele horror de bomba marrava com corda, com

corda... hora da novela eles botava lá, ai já tinha igreja..onde tinha igreja era lá longe da estrada...fazia botanoencarriada eles assim uma atrás da outra e o rastião de povoa, que era pra hora que terminasse a reza, de vez enquanto dava um tiro....e esse rastião de povoa como daqui na rodagem pra lá...sai botano uma boba atrás da outra.... e na hora que terminava essa reza que dava esse viva triscava o fogo cá só via fogo, só via fogo e tiro...era uma coisa isquisita, mais era bunito, era bunito.....não tinha foguete né....atirava era com essa dificuldade não era faci não.....dava trabalho pra fazer uma novena...não era faci não....toda coisa era difícil...quem falava em negocio de açúcar, ninguém nem cunhicia isso não....quando era nesse tempo ia mué tacho de garapa....deles que era noveneiro que não tinha comprava, trabalhava pra comprar tachindo de garapa pra moer pra fazer novena.....eu já vi essas coisas tudo não era fáci não....ai o festeiro gastava demais fazia essa festa a noite toda de café...dava cafezama, as vezes dava dois café a noite e no outro dia armoço meio dia...era uma grande armoço pra todo mundo....gastava muito o festeiro...todo o ano desse jeito e até hoje eles num festeja.....mais hoje é como lá diz tudo ficou mais faci e naquele tempo que era difici, se num fizesse havia castigo...tinha um medo se um as vezes se ausentasse de um fulia e ele não botasse essa fulia se acontecesse qualquer uma coisa, falava a bom...teve uma ocasião que um home lá que se ausentou da fulia e não fez a festa e o outro vez a outra parte....e ai vei uma gripe com uma febre isquisita o que que falava....isso ai é por causa da festa, pois não fez a festa...deixou a festa do santo no chão num é...isso que ta essa tal dessa febre essa gripe isquisita, podia ta muito livre disso...se tivesse feito a festa não acontecia isso, mais não fez.....era essa supertição tudo não é....era desse jeito...há tanta coisa...tanta coisa...eu só via as pessoas falar o que aconteceu...muitas coisas que eu mesmo já vi falar eu vi diversos deles falar que não queria arcançar essas eras...que quem fosse vivo que ia contar, mais eles que não queria mais ver....mais tanta coisa que já apareceu que eles falavam que não queria ver....e o que eles contavam tudo era verdade...eles falavam que vinha uma era do boi....do carro carregar boi, quem puxava carro era boi, e vinha uma era que o carro carregava o boi achava isso tão impussivel que comu um carro ia....Que como podia acontecer de um carro carregar boi, eles falava isso tudo que vinha essa era..não chegou muitos deles não viu mais falava que vinha essa era.....hoje o carro num carrega o boi pra todo lado esses falava isso tudo....as cercas de arame não existia tamem né..... não existia nada disso..eles falava isso tudo que tinha que vir uma era das terras ser fechadas

com cerca de espim...quem é que sabe como é que cercava essa terra com cerca de espim....tinha cumu cerca com cervo de espim, eles não arcançava mais tinha que vir issu tudo...hoje as terras estão todas trancadas com cerca de arame.... a cerca de espim era a cerca de arame...falava isso e tudo isso não ta contecendo....não falava que arcançava , mais falava que ia acontecer tudo issu ai... falava que a pedra ia ser proluvida de um lugar para outro.....achava isso tudo tão dificiu como é que uma pedra de lugar pode ser transferida pra outro lugar...num é que era o cristal...era tirado as vezes de uma terra e vai pra outra.....eles falava issu tudo num é.....é tudo isso, do mesmo jeitu que eles falava tinha acontecido e acontece.....se doencesse só bebia remediado de mato, era se quisesse era o remédio do matu...ainda hoje eu falando aqui...se era naquele tempo essa muiémoria lá em São Domingos, por que cumo tratava né....por que hoje pega uma situação dessa ainda salva vida não é....disso acontecia tanto e o remédio era só a raizada do mato se quisesse vida tinha que beber a raiz de casca de pau...o remédio era esse...cole esse remédio de loja que tinha não é.....o único remédio que eu ouvia eles falar e só quem tinha esse remédio era a veia Andrósia, o veio Benedito que era o povo rico de lá...o remédio que eles falavam nele era só carumelão que eu nem cunheço esse remédio...jamelão e jalapa, remédio fino com uma maior dieta, só o remédio que falava nele era esse daí....até pra ofendido de cobra tinha que dá esse remédio ai.....tinha nada de remédio não...era só raiz senão bebesse morria, salvava vida com a raiz....casca de pau..hoje é que remédio esta sobrano jogando fora, nos tudo joga remédio fora..pra arranjar um comprimido dava trabaio....não era facio não...coisas de comida era tão dificio....hoje ta jogando fora, roupa quem é que falava num é..ei o a roupa...botava numsei quantos remendos num roupa hoje ta jogando tudo fora num é....mais era dificio...as vezes as mães que tinha um lote de menino...quando era...as roupa era de algodão, só usava roupa de algodão, de noite tirava aquela saiona que usava de algodão pra botar, as vezes durmia dois, três menino numa cama só, seja em cama ou num caminha no chão...tirava pra molde embrulhar esses com aquele saia...um frio, quem falava em cuberta fina num é... era só a cubertinha de algodão...que frio que a cuberta de algodão tampa, nem nova tampa quanto mais veia embrulhava atácabar com a cuberta de algodão, a roupa era dificio de mais.....era só de algodão...teve uma veia Adriana que era irmã do veio Ilário....essa muié tinha um vestido num é....naquele tempo era dificioquale roupa que tinha...ela tinha um vestido eu não sei quantas pessoas, quantas moças que casou usando esse vestido...ele era baxinho um vestido verde, naquele tempo era uma

fazenda boa, aquilo só vestia nele alguma vez em tempo de festa ao não ser quando era tempo de casamento..ela não era casada não...esse vestido dela não sabe quantas moças casou que com esse vestido...eu acho até que já conhecia..rsrs.....já conhecia, porque todo ano que casava uma moça pedia era antes....sai pedindo era antes do prazo as vezes podia ter mais casamento e tinha outros que...se garantisse que era pra aquele primeiro era aquele mesmo...as vezes outros tinha pedido já não achava mais, já tinha ficado de dar pra outra pessoa, era assim com essa dificuldade num é....o veio Ilário mais o veio Miguel tinha um tal de terno de gazimira de meu conhecimento já não falo aqueles mais veio...esses dois homins tinha dois ternos...um tinha um e o outro tinha outro não sei quantas pessoas que casava com esse terno...quando falava o casamento já ia privinir logo a roupa que quando chegasse na marca tinha certeza num é que já tinha o terno pra casar....casou gente demais....era difício demais...a roupa era pior não tinha roupa não....era só a roupinha de algodão...se for contar a dificuldade...as vezes a pessoa quer ser bom como eu conheço tanto eu sou dos mais veio.....lá é eu cumadeRimira e cupade jacinto num é... sabe contar tudo do nosso entendimento pra cá...num é pouco anos tamém que nois conheceu as coisas....eu não sei se os outros sabe contar...cupade Jacinto deve saber essa dificuldade das coisas cume é que era daí pra cá num passou foi um dia mais dois não...sabe contar a dificuldade de tudo...de tudo....roupa, comida e tudo...num é.....num era facio não....se eu for contar como era a dificuldade das coisas do meu entendimento pra cá...isso na era pior, as coisas era pior....hoje esse comer que nois come nois não comia nada disso...esse tal de olionguem nem via falar nisso não, ninguém conhecia isso não...não é.... não sabia nem se existia isso tudo é de certo tempo prá cá, tinha nada não...usava o tocim de porco para temperar.....se não tivesse o tocim não terepava era só o sal...tanto que leva dias sem comer nada de gordura, por que não tinha num é...tempero era só o sal...carne as vezes algum dia que dava por que não tinha.....algum dia que as vezes dava certo de algum matar um gadim....rajava taquim, quando matava uma pessoa da famia dava pra todo mundo da famia....dava pra todo mundo cada quem, madava pra um ...quando falava de matar já sabia quem comia..que todo mundo dava...mandava pra um mandava pra outro, era assim na foinha, mais todo mundo provava era assim.....se matava um porco era pela mesma forma, saia dano os pedacim pra famia, os vizim era desse jeito....hoje quem é que dá mais nada, nem ninguém precisa tamém né...rsrs...cabou isso.....era difício num é...hoje vê conta nem acredita né inventa...

contar por exemplo eu vou contar um caso num dá nem ouvido nisso não..fala é nada isso era assim nada, era assim nada...todo tempo é como ta hoje, mais engano se for contar essa dificuldade das coisas...acredita não ta é mentino, era assim não...era assim nada não acredita não....não acredita não....

Entrevista 02

J. G. S., 76 anos

Sou da comunidade São Domingos,

1-Como surgiu a comunidade?

Eu não sei como é que foi isso não....tem essa misturada danada com o povo sertanejo...por que uns é do Santo Rosa, outros é Gonçalves dos santos os daí e outros num sei como essa menina não tem nus documentos dela....podia ser dos Santos por que a mãe dela é dos Santos Rosa...a sua avó Venância dos Santos Rosa.....os parentes delas do sertão é Furtoso que tem até um home ai....conversando sobre Furtoso mais Roseno.... Roseno é falcido mais Furtosota ai....eu sou parente desse povo, tudo é do sertão....eles moram no sertão.....

2- O que o senhor (a) sabe sobre a origem da comunidade?

São Domingos antes era uma tribo.....até os índios michia pra lá, posando na tapirinha...tinha mesmo o Gilo, era lá do sertão, posava lá vinha com a carne pra vender ai vinha contano o caso que...do Furtoso, do Roseno, do Felipe que morreu.....Bertulinota ai esse mesmo é da parestesa....ele mora no sertão, nos morros....aonde esse rapaz estava na casa de Helena de João da Mulinha caçando mel de oropa....dai falou que mora lá ainda o Bertolino e o Furtoso..eu falei o outro não morreu..morreu mais ficou nois e tem mais gente dessa famia....tem uns primo de sua avó na curriola seu Magalhães...de vez enquanto ele vem aqui....e lá do sertão e da ifiniçãotamém...Lúcio tamém é parente tamém.....deixa eu ver cole o outro mais veio....que conhicia de lá de São domingos, agora ta parado mais quesse negocio de vender..era vendendo aquele bixa....como é que chama....vendia pexo,

vendia....butija era uma coisa absurda...com negocio daquele calou a boca...acabou e o povo danou a comprar aqueles balde de alumínio acabou....largou pra lá e era assim, tinha muita gente.....a veia Conrada que era mãe do Zezinho ele falou.....a Conrada era da gema do sertão...essas meninas é sertaneja.....

3- O senhor (a) nasceu aqui mesmo? De onde veio?

Todo mundo tem o sangue de lá agora fica com esse negocio ai...é dos Santos Rosa...a minha mãe é de lá de São Domingos a Ozila... teve lá mais Antero uns tempo lá no sertão, mais largou veio pra ir o veio Severo infruiu ai casou.....pois é a veia era de lá mesmo....e tem muita veia ainda que....de lá do sertão que ta em São Domingos...eu sei que tem.....uai....ai...Andrezim é da famia, mulequeiro, mininada que ta ai tudo não assina com o nome do pai não, mais é tudo dos Santos Rosa.....Severo é fii da Joana....mas ela é do sertão agora ..agor aonde ele nasceu que eu não sei, mais agora a mãe dele era...era mesmo a veia Joana era do sertão...tinha essa turma Jermão....mais depois era só ele mesmo...mais acabou sei mecher com essa turma....

4-Como que era a educação na época? Freqüentavam a escola?

A escola lá em São domingos ai....a tinha um vei que tomem é o pai de Zé Bandeira, o veio Chiquinho Bandeira...esse veio era apertador, foi a pessoa que mais aprendeu alguma coisinha foi quem estudou com o veio Chiquim....mais os que pegou Manelita esse povo foi muito franco..agora o veio Venanço morreu sabido...mais o veio Chiquim que é dessa famia o Zé Bandeira, Beija, essa famia tudo é de lá do Moleque...o veio mesmo mudou pra São Domingos ai...a veia Ambosa era a muié dum tão de Benedito...já ouviu falar...o Benedito morreu daí ficou a veia e cum pouco ela tamém morra e cabou..dai ficou os fii de Zé Bandeira mais os fii, Beija...dei vê cole o outro....Adão tudo é de lá do Vão do Moleque...ele me falou vou sair daqui, vou pro Vão do Moleque eu sou de lá mesmo...então a gente fica pensando tem muita gente...ninguém num sabe como contar uma coisa dessa não é muita gente....é gente demais....eu não aprendi nada na escola....e o tinquim que eu aprendi hoje baraiou tudo, mais isso ai é a idade...vai indo até a pessoa...eu aquele José e Zé Martim.....Zé Martim tamém é de lá do sertão....a Dominga que ele casou com ela tamém é da gerema do sertão e Zé Martim tamem é de lá...tem o Justino..o outro morreu....algum professor mudou que tinha professor malvado e educado... e outros é uma brutalidade

triste...é assim que o mais bruto é que faiz a pessoa aprender né..aquele que quer ser calmo fica difiço..

5- O que plantavam e como plantavam? Mantêm o mesmo jeito até hoje?

Lá era bom pra plantar é arrois era uma coisa fora do comum...tá acabando agora o café de vez enquanto eles trazia ai pra vender nu sacco de casca que els não limpava o café não....trazia em coco de vez enquanto trazia....mais era mais devagar conforme o arrois vinha quatro o cinco cargueiro de arrois.....não tinha carro botava os animais pra sofrer...demora saia de lá, purimxemplo nós ta uma hora deça que arribava pra pegar os animais que ia, andava hoje o dia todo e amanhã até meio dia pra ver se chega ai...a estrada era ruim...chegava ai com a treita deles..tinha nego treiteiro tamém ia lá com a mantona de carne...quem tinha carne carregava tamém carne...caro demiasnuvia num ervava tiçava a carne dentro d'água pra amolecer...jogava dentro da buraca descer pra São Domingos...maislá tem muita gente daí de São Domingos, tem gente que pertence o sertão..ai tinha um que morreu um legitimo a conversar Chicão... oChicão que sabia tudo quanto é treim.....sem ser ele não tem mais gente...é como lá diz enquanto a gente tem vida tem sorte mesmo num é...plantava o café provado que até quando você andava talo era como tinha já morrendo tudo mais o quintal era cheio... eta dano ainda algum lugar.....lá era São domingo da Cafelândia Reverendo Alberto que trocou o nome de La...hoje botou o nome de Araí...plantava as mudas de caféa muda era ali nu...tinha um brejo por riba da casa de Rimira, dela mesma....

6- Qual era o meio de comunicação e transporte no inicio? E agora?

Não tinha telefone fazia era uma risca...encontrava mais uma pessoa fulano é muito ativo....ai pegava um receita qualquer coisa num papel lá...a terra é isso, ta marcado tanto medida que eles media tava medida lá a terra...passava os cobre telefone não tinha...era ruim....e o transporte era muito difiço...aquele home já pintou aqui na região Anterão...aquele pintou..assim até hoje ainda tem grileiro demais....

7- Quais eram as manifestações culturais da época? E quais são as que ainda prevalecem?

Os festejos de São João....uai fazia assim, nesse tempo não tinha nem gado...sabe como é que fazia aquele que fazia a festa ficava com aquele monte de

porco fechado...matava o porco e agora arranjava as muié pra cozinhar dois, três tachos botava no fogo e chamava o povo tudo e era tora isquisitas dentro do feijão...era bom demais...carne de gado num via não depois desatou esse tanto de carne de gado desse jeito...se vê diferente hoje ta matando gado uma coisa absurda... e agora juntava aquele mundo de gente pra continuar, pra fazer a festa tinha o almoço e janta tudo por conta do festeiro e ai agora cadê a farrá bruta e foi indo até..foi ficando uma veia sozinha que fazia a festa a veia Selma...a irmã dela chamava Arculana do Moleque....Fermino mesmo era do Moleque.....tinha o João...Guilherme que o veio Severo era irmão dele, mais era do moleque mesmo, valente..uma valentia mostra....era festejado São João e Santo Antônio..num mais de certo tempo pra cá que eles deram pra fazer isso...mudou muito mais, por que eu achei que eles podia fazer de São Sebastião tamém num é.....já agora deu pra fazer... deu pra gente assinar como noveneiro..quando é no outro dia 19 dia da festa...a lamentação é por exemplo..eu mais Vilmar aqui, a menina aqulá sabe que nósvei pra rezar sabe tudo quanto é coisa da reza agora ela ia mais nós..chegava lá ensinava nós rezava o padre nosso e abria a goela a gritar pra armas..ai lamentação era desse jeito.... e agora ficava o povo ai cabava de tinha.... aquele tanto de sete ou era oito que reza...calou, calou..e agora na hora que calou agora tá rezando todo mundo calado pra almas...torna sai pra outra casa...torna abrir o pampeiro até interar oito nove..ai agora cabou é no outro dia outra vez....todo dia....fica três dias....rezava demais, era gente demia...hoje cabou até isso....hoje num reza mais não... a gente vê passa um mês, passa dois, o dia que é de rezar tabestanobebeno pinga...é desse jeito..cabou ..hoje é como lá diz o mundo é cheio de coisa mesmo...o mundo é cheio de coisa mesmo num é....mais o bom lá e junta mais o povo mais veio...Zé Martin ele é da gerema do sertão...ainda tem um veio que não é daqui dessa bera...está ia sofrendo o veio Bento sertão puro....tem os fios deles, Carmelo e tem aquele outro Lorenço....só tem esses daí....a mãe de Bento foi pega com cachorro..uma cachorrada brutou nela e ela mordendo brava de tudo..cachorro quase matou mais sigurou....ela era índia mais o Bento já nasceu lá no sertão.... o veio Joaquim e a veia Inácia também já morreram...tudo procedência de índio.

L. B. B., 78 anos

1- Como surgiu à comunidade?

A minha mãe é de lá de São Domingos, a Margarida...é parente de povo lá tudo Manezão.....a origem dela eu não sei direito, mas o meu pai era de Arraias e baiano, não cegou nem nesse ponto de dá sobrenome....rsrsrrs..... em relação a tribo eu já não estou presente...pertence ao novatos..vivia ali...com 79 anos, só tinha duas casa de teia..as outras era tudo de paia....onde a veia Rimira mora hoje e do meu bisavó que criou ela e a de Joaquim bandeira...a de Ilaro Gonçalves só.....se doecesse passava mal a pior só era remédio de mato...mas aqui era difício demais...era dois dias pra vir aqui, era a cavalo ou a pé....eu ia direto pra minha casa era a pé pra vir aqui e ia daqui pra lá....aquele Tarciso já ouvia falar nele....ele pegou um saco de sal aqui em Cavalcante nas costas e levou pra São Domingos, tinha precisão....rsrsrs.....assim diz....foi vida sofrida doente hoje está morrendo mais pouco conforto esta mais perto....já ficou mais facio.....

2- O que o senhor (a) sabe sobre a origem da comunidade?

Essa mistura da sua avó Venânciae Jacinto eu conhecia eles demais.....tinha costume com Jacinto desde minino....o pai dele tamémconhiciadimais.....o povo kalunga o pai dela da Vênancia era o Anastácio era de lá de dentro do kalunga.....sei que é era do sertão não sei qual o lugar..esses eu conheci tudo...Conheci tamém o André Rolinha que era pai do Anastácio.....que era pai da sua avó e a mãe dela a Madalena é minha prima...a mãe de Madalena era irmã da minha avó....que era a Margarida mãe de São Domingos todo.....conheci Geralda que é a mãe de Antero...por parte de pai era irmão de Antero tamém.....e ai eu conheci tudo...pro parte de Jacinto....o índios parecia um doido eu vi uns dois ou três.....num sei se era índio ou karambola...quando eu conheci Cavalcante eu tinha 18 anos, essa serra ai nem lembrava de estrada...a nova Ourora não tinha estrada só a terra.....a mãe de Carmelo era irmã da sua avó ela era índia....sofrimento demais...um horror....a minha esposa tamém é de lá do kalunga e o pai dele tamém é dela.....a mãe uma kalungategitima com bisavó e tudo...era difício..... a revolta aconteceu em 27, a irmã minha que era a mãe de Fausto tava novinha nessa época.....eles contavam coisas demais.....matavam, capavam, quem tinha papo eles tirava o papo....muito triste....

3- O senhor (a) nasceu aqui mesmo? De onde veio?

Eu nasci e fui criado no município mesmo...nasci e fui criado lá mesmo duas léguas de São Domingos...

4-Como que era a educação na época? Freqüentavam a escola?

A escola que tinha eu sei contar só tinha em São Domingos....eu era pra ser um médico, mais não tinha professor na época o que tinha era em São Domingos era a dona Manelita....mulher de Chico Bandeira...Chiquim Bandeira o pai de Zé Bandeira...dava nome pro escolinha particular....e no mais eu pegava taquim de papel pra assinar o nome...comprava a foinha de papel caro.....comprei um caderno carissimo pra mode aprender...aprender male male...mais se é no tempo de hoje não....eu tava com essas coisas...mudou muitas coisas...foi agora do real prá cá....

5- O que plantavam e como plantavam? Mantêm o mesmo jeito até hoje?

Uma coisa ferramenta não tinha.....rsrsrs.....quando os pais tinha um toquim de inxada era topando o corte tinha que capinar roça grande e se não desse conta era chegar o couro...três, quatro, cinco fii era pra dar conta....machado tamém era um contobó.....a foice tamém...roçava de facão tamém quando tinha ele.....quando dava essa coisas ai agora o prato de come era na gamela ou de barro ou de pau...era quatro, cinco fii pra comer nesse prato só.....desse jeito....era bravo né....o que mais prantava era miho...a terra naquele tempo diz que não dava café...era arrois, feijão, mandioca....o café hoje já dá por que não trabalhava quase....rsrsrs....hoje já dá....rsrsrs.....mais lá tinha um ditado, chamava Vila do Café...no São Domingos..

6- Qual era o meio de comunicação e transporte no inicio? E agora?

Comunicação não tinha naquele época...era dificio, era pessimu..era brabo pra pegar um copo lá de sal era dificio demais da conta...o rico sabe quem era o Chico Bandeira....era o pai dele Benedito Bandeira e Nazário que é o pai de Gover...era professor e tinha distino e o irmão dele também marciano...que é o avó desse Marciano....ia pra arraia, ia pra formosa, ia pra chão ai comprar sal e com prazo de um méis chegava....animalo que escapava escopou o que não escapou fica na estrada.....em Arrais era mais perto era dez ou quize dias, agora mais longe era um méis...e tem mais coisa....fio demais da conta.....se eu for lembrar dessas historas é um dia ou dois.....rsrsrs.... não dou conta de contar tudo...era impussivel....roupa,

cauçado era difício....as roupas era de algodão...era dificultoso...como eu tava falando do sal...naquele tempo uma chicra de sal era um dia de serviço.. depois passou de um copo de sal por um dia de serviço....meio saco de sal era uma serra de madioca pra fazer farinha pra pagr..mundo veio....um animal pra comprar tinha que dá conta de uma roça...e ai por diante....meu pai divia pro Benedito Bandeira, treisminreis..chama minreis...o veio era rico mais os dois brigaram feio pó modetreisminreis...e meu pai era um artista, fazia cocho, fazia carretão....foi trabalhar muitos meses pra arrumar o dinheiro e pagar o veio....era brabo né..... chega né....

ENTREVISTA04

H. G. S., 65 anos

1-Como surgiu à comunidade?

Vim da comunidade, fui criada lá, desde nasci e fui criada lá né, e lá era a tribo mesmo dos índios... Tem mistura com kalunga, disse que é carambola né lá, se trata carambola, agora não sei se é índio também. Verdade...ai naquele tempo que eu era pequena.... eu lembro cuma hoje né...uma índia queria carregar eu por tudo sabe...que disse que eu era filha dela, e minha mãe escondeu eu de baixo da cama.pramode ela não carregar eu e meu pai falou não minha cumade, eles chama a gente era.....como é que era meu Deus...eles chama a gente um nome minha gente lá.....ai Jacinto meu irmão néfoi brincar com os fii dos índios lá né...inventou tomar uma flecha dêe e juntou todo mundo pa matar Jacinto...ai mamãe falou os meu cumpade, os meu cumpade, não mata meu fio não meus cumpade... não mata meu fio não pelo amor de Deus.....é minha cumade só deixo por causa da senhora, só deixa por causa da senhora, se não ia morré, morrémesmo, eles conversa assim, morré , morré ia morrémesmo..e ai eles ia lá direto em São Domingos...eu lembro cuma hoje, eu era pequena mais eu lembro né.....que lá naquele tempo né...que a gente era pequeno juntava aquele tanto de menino pra ia ficar junto com os fii dos índios eles não gostavam sabe.....e ai mamãe afastava eu naquele tempo não era eu não, mamãe que contava né.....que o Jacinto foi brincar com os fii dos índios e foi tomar a flecha deles, que eles usa é flecha pra atirar nas coisas e com flecha é com flecha..queria matar Jacinto por tudo...foi preciso mamãe esconder ele.....lá tem a taperinha dos índios.....já tratava lá taperinha dos indios....lá a metade das pessoas lá

tem sangue de Kalunga também né....por causa que Venância mesmo sua avó era dessa família dos Kalungas que é dos Santos Rosa né.. agora eu não puxei por causa que eu sou Gonçalves dos Santos, mas ela é dos Santos Rosa, a vó Missia que é mãe de Teresa, também é dos Santos Rosa, tudo é da família lá dos Kalungas.....Lá também é conhecido São Domingos da Cafelândia, um pé de café escondia duas pessoas de baixo da roda do pé de café.....se tapanhando café daqui o de lá não tá enxergando o que não de tanta rodeira que era...eu na lembro..que eu escondia muito modo taca...lá secava café naqueles couro sabe, banda de couro....banda não era o couro inteiro de vaca..botava três, quatro couro pra secar café.....e tinha ouro lá também..a minha vó mesmo....era da descendência acho que ela era descendência dos índios.....também porque minha bisavó foi pegada a custo de dente de cachorro....e aí muita gente me chamava até de Tapuia....Bia que era marido de Zefinha só chamava eu de Tapuia....Dari seu tii só me chama tapuia....por causa dos traços.....por causa do sangue.....até esse dia eu vi ele né....já casou tapuia.. eu não.....